

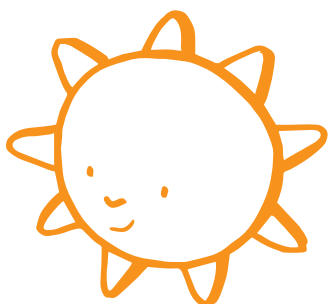
• A CASA • • DO JOÃO •



REVISTA DE LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL

JUNHO 2018

04



FICHA TÉCNICA

Diretor

João Manuel Ribeiro

Diretor-adjunto

Andreia Abreu

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Bolota / Patrícia Alves

Colaboradores

Carmen Zita Ferreira

Fedra Santos

Francisco Laranjeira

Lúcia Barros

Maria da Conceição Vicente

Paulo Freixinho

João Vaz de Carvalho

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30

3.º andar – Sala DD3

4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia -

Associação Cultural

Rua António Bessa Leite, 1516 C,

3.º Dto / 4150-074 Porto

Contribuinte 508828325

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17**Tiragem** 1000 exemplares**Periodicidade** Trimestral**Impressão**

GVP - Gráfica Vilar do Pinheiro

Rua Castanhal, 2

4485-842 Vilar de Pinheiro

Estatuto Editorialwww.acasadojoao.eu

9 772184 123004 >



02 EDITORIAL

Viva a brincadeira!

04 UM CONTO POR DIA DÁ
SAÚDE E ALEGRIA!*Fábulas e Historietas*

de Acácio de Paiva

06 UAU

As crianças, a brincadeira

e os brinquedos...

por João Amado

12 OS NOSSOS PARCEIROS

IV Festival / Concurso Internacional de

Guitarra de Amarante

16 O MISTÉRIO DA ESCRITA

Viva quem escreve para a infância

e juventude!

Alguns autores

31 HORÓSCOPO DA LEITURA

32 LEMOS, GOSTAMOS E...
RECOMENDAMOS!

34 APROVEITA E EXPLORA

Dicas de escrita

38 A PALAVRA É TUA

Pequenos grandes escritores

43 PARA BRINCALHARES

47 SAIU NA IMPRENSA

48 NOTÍCIAS



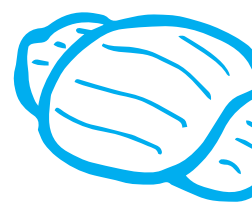
EDITORIAL

Viva a brincadeira!

QUERIDOS AMIGOS,

*Na Casa Grande
todos são sempre meninos,
mesmo os velhos,
porque a idade não é
a soma dos cansaços e decepções
mas o crescimento no modo de ser pessoa
e ser sempre criança.*

*Brinca-se todo o tempo,
mesmo quando se está sério e em silêncio.
Brincar é a forma feliz de se viver,
de se olhar e de se entender.*



1. Com estas palavras, que escrevi no livro *A Casa Grande*, quero deixar claro que todas as idades são tempo e oportunidade para brincar, porque brincar, mesmo quando se está sério e em silêncio, é uma opção de vida.

Eu, por mim, gosto de brincar, gosto de não me levar muito a sério, gosto de me rir de mim mesmo e das travessuras da vida.

Diante dos (demasiado) sérios e sisudos, gosto de pensar que essa é a sua forma (estranha) de brincar, de “enganar” os outros e, às vezes, a si mesmos.

Enfim, viva a brincadeira...



2. O dicionário diz que brincar é «entreter-se, geralmente, uma criança, com jogos, brinquedos...; entregar-se a divertimentos, sozinho ou acompanhado». É pouco, não chega para dizer como e quanto é importante brincar. Para todos, sim. E, sobretudo, concedamos, para as crianças, porque, como escreve João Amado, «é no brincar que elas satisfazem as suas necessidades de movimento, de experimentação, de observação, de transgressão, de sentir sensações novas e de comunicar».

Associado ao brincar, essa vida-atividade que tanto caracteriza as crianças (tenham a idade que tiverem), estão os brinquedos, «os objetos que servem de suporte às brincadeiras infantis de hoje e de sempre, instigando a imaginação e permitindo uma inserção no mundo social e cultural, através do movimento e do faz de conta». Mas o brinquedo não é apenas o objeto; para o ser verdadeira e profundamente precisa de uma mente e de um coração que o reconheça e valorize como entretenimento.

3. Este quarto n.º de *A Casa do João* quer ser um convite (e desafio) a *brincalhar* com este objeto, a revista, que quer e pode tornar-se um brinquedo para entreter e deliciar.

Para que a festa seja grande, convidei um conjunto de *brincadores* para nos falarem da história do(s) brinquedo(s), para se apresentarem como «fazedores» de histórias, fábulas e poemas e para escolherem o seu livro preferido, de modo a que o possamos conhecer, mas também divertir-nos com eles, através de Sopas de Letras, Palavras Cruzadas, Diferenças, Desenhos e Textos, etc...

Neste n.º não falámos com o escritor (convidamos os escritores a falarem de si) nem com o(a) ilustrador(a) (pedimos aos ilustradores que se fizessem ver através de palavras e testemunhos). O que pedimos, em rigor, foi que nos falassem de si e do seu trabalho na primeira pessoa, que escolhessem um dos seus livros. A partir das palavras e do livro escolhido, propomos-te alguns passatempos... para que te delicias. Espero que se divirtam...

Viva a brincadeira...
Boas férias. Até setembro.
Abraço,

João Manuel Ribeiro

UM CONTO POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

TEXTO

ACÁCIO DE PAIVA nasceu em Leiria, no Largo da Sé, a 14 de abril de 1863, tendo falecido na sua Casa das Conchas, no Olival, freguesia de Ourém, a 29 de novembro de 1944. Filho de José de Paiva e Leopoldina Amélia Carolina Teles, iniciou a sua formação académica no liceu de Leiria, terminando em Coimbra os seus estudos secundários. Licenciou-se em Farmácia na escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1887. Poeta, prosador e jornalista, colaborou em vários jornais, revistas e outras publicações, nomeadamente «O Século», «Diário de Notícias», «O Mensageiro», «Ilustração Portuguesa», entre outros. Para além da sua intensa atividade poética (tendo publicado centenas de poesias com o pseudónimo de Belmiro), também produziu inúmeras peças de teatro, algumas delas em colaboração com outros grandes vultos intelectuais da sua época.



MUITO RISO, POUCO SISO

Ria de tudo o petiz;
Se via, principalmente
Alguém quebrar o nariz,
Ficava todo contente,
Ficava todo feliz.

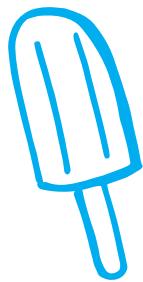
A mãe ralhava, zangada
Por essa falta de siso,
Mas não lhe valia nada;
Tinha a mania do riso,
O sestro da gargalhada.

Uma vez, indo a fugir
E embicando no bichano
Que o fez de costas cair,
Foi fazer queixa do mano
Porque o mano pôs-se a rir.

— «É claro que não fez bem;
(Disse a mãe) porém você
«Quando vê cair alguém,
«Quando estendido alguém vê
«Não se põe a rir também?»

Desde esse dia, o miúdo,
Se vê alguém tropeçar,
Corre a acudir, deixa tudo
Para esse alguém levantar
E fica muito sisudo...





TEXTO:
ACÁCIO DE PAIVA

GUARDADO ESTÁ O BOCADO

De chapéu de papelão
E curva espada de lata,
Vai o menino João
Atacar o guarda-prata,
Onde está um pastelão
E onde estão pastéis de nata.

Ora, o nosso figurão
Tinha um cão mais uma gata,
Filha dum gato ladrão,
Mais ladra do que uma rata,
E naquela ocasião
A mesma estendia a pata
Para o dito pastelão
E para os pastéis de nata.

De espada em riste, o João
A dar no bicho desata,
Mas este, com aflição
O menino desacata
E arma um pulo, quando o cão
Tendo ouvido a zaragata,
Vem de lá como um leão
Se alguém a cria lhe mata,
E eis que papa o pastelão
E mais os pastéis de nata!

E finda assim a questão
Entre o menino João
E a patifória da gata.



FÁBULAS E HISTORIETAS

Obra publicada em 1929, em edição de autor, com ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça, compõe-se de 60 fábulas e 16 historietas, confirmando as qualidades do autor: improvisador e repentista notável e, segundo Agostinho Gomes Tinoco, «o maior dos ironistas do seu tempo». Edição de 2015 da Tropelias & Companhia (Porto).

AS CRIANÇAS, A BRINCADEIRA E OS BRINQUEDOS...



João Amado

Doutor e mestre em Ciências da Educação, licenciado em Filosofia. Foi professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Coimbra, tendo sido também professor da Universidade de Lisboa e professor efetivo do Ensino Secundário. Tem coordenado e participado em vários projetos de investigação nacionais e internacionais e é autor e co-autor de livros e artigos sobre temáticas como a indisciplina e violência na escola, *bullying* e *cyberbullying*, epistemologia, pedagogia do ensino superior e etnografia e história da infância.



*Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.*

(Fernando Pessoa)



Fig.1

As crianças são o melhor do mundo... ainda que o mundo quase nunca seja o melhor para as crianças! Brincar é fundamental para elas; é no brincar que elas satisfazem as suas necessidades de movimento, de experimentação, de observação, de transgressão, de sentir sensações novas e de comunicar. E se, como diz o poeta, o sol peca quando não cria e seca, também uma criança que não brinca, está triste ou doente... Por isso, em nome da saúde e do futuro, tudo deveria ser feito para que as crianças pudessem brincar, em casa, na rua, na cidade, na aldeia, na escola (porque a brincar também se aprende...), em toda a parte onde elas estejam presentes. Promover condições nesse sentido deveria ser uma preocupação dos políticos e dos educadores. Tanto mais que brincar é, hoje, reconhecido como um direito das crianças consignado em normativos internacionais assumidos e adaptados na legislação de quase todos os países.



UAU!



Independentemente da atenção sobre as crianças e sobre o brincar que presentemente se verifica quer na legislação quer nas mais diversas áreas do conhecimento – psicologia, antropologia, sociologia, história, psicomotricidade, etc. – as crianças sempre existiram, sempre brincaram, sempre construíram os seus mundos, umas vezes adaptando-se ao mundo dos adultos, outras vezes resistindo-lhe, e, quase sempre adquirindo conhecimentos e competências para, mais tarde, o virem a transformar.

E, neste processo, foi o brincar livre, realizado habitualmente em grupo com outras crianças da mesma geração e de gerações próximas, que se tornou a fonte e motor de descobertas e de aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento de cada indivíduo e para a constituição das culturas infantis: modos de ser, de estar, de sentir e de fazer próprios das crianças. E assim se foi construindo, pelas crianças e para as crianças, ao longo dos tempos, um património cultural, material e imaterial, passado de mão em mão, de grupo em grupo, de ano para ano, de século para século, até aos nossos dias, combinando características intemporais e universais com especificidades próprias de cada local e sociedade!

Os brinquedos são os elementos desse património cultural que, por excelência, dão materialidade às culturas da infância. Eles são os objetos que servem de suporte às brincadeiras infantis de hoje e de sempre, instigando a imaginação e permitindo uma

inserção no mundo social e cultural, através do movimento e do fazer de conta. Trata-se de objetos variados, desde os meramente naturais, como as flores, as sementes, os frutos, etc., passando pelos manufaturados ou produzidos em série, até aos tecnologicamente mais sofisticados. Brinquedo, no entanto, não é apenas o lado sensível de um objeto com que se entretém a criança, mas o que ele significa para essa mesma criança, para o grupo e para o meio em que ela se insere... Brinquedo é o objeto e as histórias que, individual e coletivamente, se tecem ou teceram em torno dele.

E é neste ponto que convém avançarmos duas distinções. A primeira separa os brinquedos modernos — eletrónicos, produzidos em multinacionais e comercializados no mundo global — dos brinquedos tradicionais, passados de geração em geração e com rasto nas artes plásticas, na literatura, na história e na memória coletiva. A segunda distinção incide precisamente sobre estes brinquedos tradicionais e separa-os também em dois grupos: de um lado, os que eram/são feitos pelas próprias crianças – vamos chamar-lhes brinquedos populares; de outro lado, os que eram/são feitos por artesãos (brinquedos artesanais) ou em fábricas (brinquedos industrializados), para depois serem oferecidos pelos adultos às crianças. Trata-se de uma diferenciação essencial para a compreensão da natureza, significado e carácter antropológico destes objetos.

Vamos falar um pouco mais de cada um destes grupos, começando pelos





brinquedos tradicionais industrializados. Como a designação indica, eles foram produzidos em pequenas ou grandes fábricas, a partir do século XVIII. Em Portugal esta indústria chegou a ser muito próspera; as pessoas de mais idade recordam sempre, e com saudade, um brinquedo ou outro desta categoria, com que eram regalados em certas ocasiões (aniversários, passagem nos exames, etc...). Teríamos muitos exemplos a dar (automóveis (fig 1), guizos de lata (fig.2) cornetas de lata, carros de cavalinhos, trens de cozinha, bonecas de pasta de papel, etc. etc.), mas, nesta categoria como nas outras, vamos invocar pequenas histórias em torno de brinquedos que andam por dentro de livros. Seleccionamos, para aqui, umas breves passagens retiradas de *Leitura para meus filhos*, da autoria de Alexandre Sarsfiel, livro publicado em 1903 (uma adaptação portuguesa do célebre *Cuore* do italiano Edmundo d'Amicis) e destinado a ser utilizado, nas escolas, pelas crianças da quarta classe. Alberto, personagem central, filho de gente rica, convida para sua casa os colegas de escola, em geral meninos pobres, como João Alves, filho de um operário:



Fig.2

“Principiámos a conversar e eu apresentei todos os meus brinquedos. João Alves ficou encantado diante do meu comboio de caminho de ferro, com a máquina que marcha por si, dando-se-lhe corda. Nunca vira coisa igual e devorava com os olhos aqueles vergõezinhos encarnados. Dei-lhe a chave para que ele desse corda. Ajoelhou-se a brincar e não levantou mais a cabeça. (...) E depois pegava e tornava a pôr os vergõezinhos com mil cuidados, como se fossem de vidro, receando embaciá-los com o bafo, limpando-os e examinando-os por cima e por baixo; e sorria-se”.

Diante deste entusiasmo de João Alves, Alberto, no fim da visita e com autorização do pai, decidiu oferecer o brinquedo ao amigo. E João, muito embaraçado, só encontra estas palavras para agradecer: *“Também um dia hei de levar-te à oficina a ver meu pai trabalhar e hei de te dar pregos”.*

Pequenina história que caracteriza muito bem o mundo das crianças pobres e o mundo dos que tinham alguns haveres; de um lado, Alberto, com tantos brinquedos que até os podia dispensar... Do outro, João, que apenas pode retribuir com um punhado de pregos! Mas o texto reflete, ainda e muito bem, o encantamento das crianças frente a este tipo de brinquedos, ao ponto de as colocar num autêntico mundo à parte. Neste caso, o mundo dos comboios e das máquinas a vapor, considerado, à época do texto (finais do século XIX), o expoente máximo no desenvolvimento tecnológico, e que muitos meninos, como o João, dificilmente teriam possibilidades de observar na via real!





Fig.3

Falemos agora dos **brinquedos tradicionais artesanais**, produzidos por artífices, a partir de madeira e barro, que os vendem em feiras, romarias e lojas. Toda a gente conhece os produtos desta atividade, presente mais ou menos por todo o mundo. Exemplos bem conhecidos são as pombinhas que batem as asas, os tambores, as violas, as pandeiretas, os trapezistas ou saltimbancos. Mas há uma infinidade de outros, como os bonecos de loiça, os barcos, os carros de bois (fig.3), os assobios de barro (fig.4). Uma grande parte destes artefactos inspira-se nos brinquedos populares, mas continua a ser, como os industrializados, um projeto dos adultos para as crianças. Voltando aos livros com brinquedos lá dentro, recorro à história “daquele boi de barro que tinha um assobio em baixo” oferecido por Anita ao seu irmãozito Manuel Caixinha, contada no romance *Fanga* de Alves Redol, publicado em 1943.

“Numa noite de feira, ela ofereceu-me um boi de barro que tinha um assobio em baixo. (...) não me cansei de atoar a casa com os silvos do apito, revendo o bicho de vez em quando, pois nunca tivera nas mãos uma feira daquelas. (...)”

O sucesso, entre os companheiros, foi muito grande, ainda que alguns pusessem em dúvida a existência de bois com aquelas cores (laranja) e com uns chavelhos tão desproporcionados para o resto do corpo. Mas todos eles sopraram no assobio e tiveram o brinquedo nas mãos. Dias depois, Manuel ouviu uma conversa entre Anita e a mãe e percebeu que o brinquedo havia sido comprado com dinheiro de um dos patrões da terra, e de quem o menino suspeitava andar com más intenções relativamente à irmã:



Fig.4

“Amuei com isso. (...) Nunca tivera uma feira daquelas e amargurava-me ter de guardá-la. Senti vontade de parti-la, pretextando um desastre (...) Fiz mil projetos, até que me resolvi a entregar-lhe o boi. — Toma, Anita, não quero (...) A Anita não me falou quatro dias. No quinto chamou-me pelo nome e fez-me uma festa de tal modo que eu percebi ter conquistado ainda mais a sua estima”



O trecho é muito rico; retrata muito bem os sentimentos (alegria, vaidade, inveja...), as atitudes individuais e coletivas em torno destes brinquedos (sentimento de posse, partilha entre crianças...), o simbolismo da dádiva feita pelos adultos e a expectativa de retorno que eles têm em mente, relativa ao comportamento da criança que a recebe ...

Finalmente, vamos dar destaque aos **brinquedos tradicionais populares**; trata-se de materiais produzidos pelas próprias crianças, com grande margem de liberdade, imaginação e criatividade, sem deixarem, no entanto, de refletir as vivências sociais e culturais de épocas e lugares onde vivem. Feitos de materiais diversos, à mão das crianças: flores, folhas, frutos, caroços, ervas, canas, cascas de árvores, ramos, paus, madeira... e muitos desperdícios caseiros, como linhas, cordel, botões, ossos, ferros (figuras 5 a 7) A navalha, a tesoura, a agulha, o martelo e os pregos (como os do João Alves da nossa primeira história) não podiam faltar entre os instrumentos. Esta produção dos brinquedos, pelas próprias crianças, nasce com a humanidade, e é fruto da colaboração que elas desenvolvem entre si, em grupo, com a partilha de conhecimentos e habilidades dos mais crescidos para os mais pequenos, numa encadeamento que não mais termina ao longo dos séculos. Tudo isso é maravilhosamente lembrado em *O Livro da Marianha* (1962) que o escritor Aquilino Ribeiro dedicou a uma sua neta! Não nos cansamos de citar:



Fig.5



Fig.6

*“Que altas obras de marcenaria
com meu canivete eu fazia
de castanhas verdes,
pôlas de vinha,
cascas de abóbora menina,
de carcódea de pinheiro,
varinhas de marmeleiro,
canas verdes do canavial,
e vimes de bamburral!
Tudo dava ao Quim do feitor, petiz
que seguia de monco no nariz,
olhos fitos de rodovalho,
golpe a golpe o meu trabalho.”*





Fig.7

Por serem feitos pelas próprias crianças a partir de materiais tão efêmeros, os seus vestígios “arqueológicos” e históricos são raros. Apesar disso, sabemos que a sua transmissão no tempo se manteve, não tanto pela atração dos materiais em si mesmos, mas pelas habilidades manuais que eles punham em jogo na produção e na brincadeira, pela curiosidade frente a diversos fenómenos da natureza — (do vento que fazia girar as “caravelas” à pressão do ar dos “estoques”, da força motriz de um regato que movia as “azenhas de cana e bugalha” à elasticidade de uma cana que provocava o estampido de uma “espingarda”, da docilidade do barro com que se faziam “bonecos” à aderência de uma erva milhã de que resultavam lindas “cestinhas” - Fig. 7). Pelo fato de desafiarem a habilidade e a curiosidade

das próprias crianças, estou certo que estes brinquedos estiveram na origem de variadas competências indispensáveis à sobrevivência da espécie! Por isso, merecem ser estudados, preservados, recuperados... e que se dê a conhecer a sua variedade e história. Nesse sentido, publiquei um livro que intitulei *Universo dos Brinquedos Populares* (2002 e 2007). Para me entender na sua contemplação, face a tanta informação que se pode colher neste domínio, dividi a obra em 13 constelações cujo elenco dá uma ideia das muitas facetas que assumiam as brincadeiras infantis: adornos e adereços; brinquedos sonoros e musicais; bonecos, bonecas e acessórios; representação de animais; miniaturas de utensílios domésticos; miniaturas de alfaías e engenhos agrícolas; construções, artes e ofícios; transportes; armas e caça; quebra-cabeças; materiais de jogos infantis; fantasias; culinária infantil.

Para concluir, diremos que as ameaças ao futuro do brinquedo tradicional em geral e ao popular em particular, são muitas; a mais significativa parece estar no facto do universo do brinquedo tradicional estar a ser hoje substituído por uma panóplia de objectos que afastam as crianças da natureza e do convívio com os outros... E nesse sentido, talvez não exageremos se dissermos que esta ameaça põe também em causa o futuro da humanidade!

Fotos de J. L. Amado



OS NOSSOS PARCEIROS

Centro Cultural Maria Amélia Laranjeira

IV FESTIVAL/CONCURSO INTERNACIONAL DE GUITARRA DE AMARANTE



De **30 de junho a 8 de julho de 2018** decorrerá o IV Festival/Concurso Internacional de Guitarra de Amarante (FIGA), evento organizado pelo CCA – Centro Cultural de Amarante - Maria Amélia Laranjeira, que conta com o apoio da Câmara Municipal.

O Festival tem sido bem acolhido pela imprensa nacional e muito acarinhado pelos próprios artistas que através das redes sociais divulgam, e bem, este certame! O vencedor do Concurso leva 5 mil euros para casa, um dos prémios mais elevado, até à data!

“A realização do Festival Internacional de Guitarra de Amarante é, para o CCA, a iniciativa mais importante do ano. Destinado a todo o público que ama a música e a guitarra, este evento combina concertos, masterclasses e ainda um Concurso Internacional”, menciona o Presidente do CCA – Francisco Laranjeira. O CCA dedica a este certame muita da capacidade e da competência da instituição, com “ambição e força renovadas”, prossegue. “Acreditamos que com paixão conseguiremos, ano após ano, apresentar um projeto reformado e capaz de vos surpreender”. Fiquem atentos!

Na edição deste ano, o cartaz é constituídos pelos seguintes guitarristas:



GABRIEL BIANCO

Nasceu numa família de músicos, em França, começou a tocar guitarra aos 5 anos. Aos 16 ingressou no Conservatório Nacional de Música e Dança de Paris, onde se graduou com elevada distinção em guitarra e música de câmara.

Reconhecido como um dos melhores guitarristas clássicos da atualidade, ganhou o primeiro prémio em alguns dos mais prestigiados concursos internacionais, dos quais se destacam, o Concurso Internacional de Guitarra GFA (São Francisco, EUA, 2008) e o Concurso Internacional de Guitarra, “Hubert Kappel”, de Koblenz (Alemanha, 2007).



Atuou em mais de quarenta países e em muitos dos mais renomados Festivais e Salas de Espetáculos. Foi artista convidado no Festival Pablo Casals, em Prades e no Teatro Chatelet, em França, no Festival Internacional de Música e Dança de Granada, Espanha, na Sala de Espetáculos Tchaikovsky, em Moscovo, Rússia, na Sala de Espetáculos Philharmonie em Kiev, Ucrânia, na Biblioteca Luis Angel Arango, em Bogotá, Colômbia, no Festival Cervantino em Guanajuato, México, no Conservatório de Música de Pequim, China, no Centro de Artes Musahino, em Tóquio, Japão e no Teatro Herbst em São Francisco, EUA.

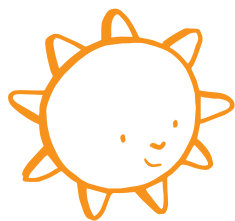
PEDRO RODRIGUES

Vencedor do *Artist's International Auditions* (Nova Iorque), *Concorso Sor* (Roma), Prémio Jovens Músicos e premiado nos concursos de Salieri-Zinetti, Paris, Montélimar, Valencia, Sernancelhe entre outros, iniciou o seu percurso musical muito cedo, tendo estudado com José Mesquita Lopes, na Escola de Música do Orfeão de Leiria, onde terminou os estudos com a classificação máxima como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Este ano, o guitarrista Pedro Rodrigues selecionará e integrará no repertório a apresentar no Festival uma ou duas peças de jovens compositores portugueses, com idade até aos 30 anos (inclusive), que tenham enviado obras ainda não estreadas.



OS NOSSOS PARCEIROS



MARCO TAMAYO

Guitarrista cubano, com naturalidade austríaca, aclamado como “Rei da Guitarra” pelo jornal italiano L’Stampa em 1999, é vencedor de importantes concursos internacionais. Tocou com renomadas Orquestras e Maestros, por todo o mundo e é, atualmente, figura proeminente na guitarra clássica. É professor na Universidade Mozarteum - University of Arts, em Salzburg, no Landeskonservatorium em Klagenfurt, Áustria, professor convidado na Academia de Música de Gdansk, na Polónia e foi professor na Universidade de Sydney na Austrália.



JOÃO ROBIM

VENCEDOR DA CATEGORIA E DA III EDIÇÃO DO FIGA

João Robim, natural de Braga, começou a tocar guitarra aos 10 anos. Concluiu, em 2016, o Curso Secundário de Música no CCM – Centro de Cultura Musical, em Vila Nova de Famalicão/Santo Tirso, com a nota máxima, tendo estado sob a orientação do professor Fernando Monteiro.

Obteve, desde 2012, 21 primeiros prémios em concursos por todo o país, dos quais se destaca o Prémio Jovens Músicos, em 2017. Como vencedor da Categoria E do III Festival/Concurso Internacional de Guitarra de Amarante, fará a abertura da IV Edição do Festival!



JOAQUIM SIMÕES

VENCEDOR DA CATEGORIA F DA III EDIÇÃO

Joaquim Santos Simões nasceu em 1995, em Coimbra.

Começou a estudar guitarra clássica aos 11 anos com o guitarrista e professor Ricardo Abreu, na Academia de Música de Espinho.

Participou em numerosos concursos nacionais e internacionais

tendo ganho vários prémios, entre os quais, o 1.º lugar na categoria IV, no 3.º Concurso Luso-espanhol de Guitarra de Fafe (2009), Menção David Russell na Competição Prémios Honoríficos David Russell (2010), o 1.º lugar na categoria V e Prémio Revelação, no Concurso Internacional Cidade do Fundão (2011), o 1.º lugar na categoria V, no Concurso Internacional de Guitarra Cidade de Almada (2012), o 1.º lugar na categoria A, no Concurso Interno da AME (2012), o 1.º prémio no Concurso Internacional de Guitarra de Guimarães (2015), o 3.º lugar no Festival Internacional de Guitarra Gredos San Diego, em Madrid (2017), o 1.º lugar no Festival/ Concurso Internacional de Guitarra de Amarante (2017) e o 1.º lugar no prestigiado Certamen Internacional de Guitarra Andrés Segovia, Espanha (2018).



Após o comprovado sucesso das três anteriores edições do Festival / Concurso Internacional de Guitarra de Amarante, a IV edição pretende prosseguir a senda do sucesso alcançado veiculando, afirmando e reforçando o valor da guitarra clássica não só na comunidade amarantina como também na comunidade guitarrística portuguesa.

Divulgar a guitarra como instrumento solista continua a ser o foco primordial do festival. “A riqueza cultural é algo que nos move. Assim sendo estamos a cimentar um projeto de sucesso que vai fazendo eco nas esferas nacionais e internacionais”, conclui Francisco Laranjeira.



OS NOSSOS PARCEIROS

O MISTÉRIO DA ESCRITA

Viva quem escreve para a infância e juventude!

Alguns autores...

Para este n.º especial de *A Casa do João* “convocámos” um conjunto de escritores e ilustradores para nos falarem de si. Aceitaram o desafio Anabela Borges, Anabela Dias, Carmen Zita Ferreira, Fedra Santos, Gabriela Sotto Mayor, Manuela Ribeiro e Maria da Conceição Vicente

A intenção é simples: queremos que fiques a conhecer melhor alguns autores que escrevem e ilustram para a infância e que, acreditamos, merecem a tua atenção e a leitura dos seus livros.

Ao seu testemunho (na primeira pessoa) associamos um livro da sua autoria (que escolheram), retirando dele um passatempo (que aparece na página do livro ou mais adiante na secção “Para Brincalhães”).

Queremos, por fim, que, tanto quanto possível, descubras o mistério da escrita e da leitura e que, sobretudo, neste tempo de férias que aí vem, te divirtas!

Porque, como confessou (ao *site* da Livraria Cultura em 2004) a brasileira Marilena Chauí:

O LIVRO é um mundo porque cria mundos ou porque deseja subverter este nosso mundo.

Eu costumo falar no esplendor do LIVRO porque ele abre para mundos novos, ideias e sentimentos novos, descobertas sobre nós mesmos, os outros e a realidade.

LER, acredito, é uma das experiências mais radiosas de nossa vida, pois, como leitores, descobrimos nossos próprios pensamentos e nossa própria fala graças ao pensamento e à fala de um outro.

LER é suspender a passagem do tempo: para o LEITOR, os escritores passados se tornam presentes, os ESCRITORES presentes dialogam com o passado e anunciam o futuro.



ANABELA BORGES

RODEADA DE HISTÓRIAS E CANTILENAS



Sou natural de Telões, Amarante, onde nasci, em 1970 e onde resido.

Por mais que queira, não consigo evitar as influências do local onde tenho vivido desde que nasci. E os motivos são muitos e variados: desde a paisagem, com especial relevo para o rio, ao património edificado, à memória dos artistas que por cá viveram e à vida das gentes. Estamos a falar, claro está, da cidade de Amarante e do seu concelho, sem os quais eu não era o que sou (parafraseando o meu conterrâneo, o poeta Teixeira Pascoaes).

Cresci rodeada de histórias e cantilenas. O meu pai era músico e a minha mãe costureira. Era uma casa cheia de gente. O meu pai

ensaiava músicas no saxofone e a mãe punha os filhos à sua volta, e enquanto costurava, cantava e ensinava-lhes rimas. Tal e qual a personagem Aranha Tecedeira, que fazia o trabalho de toda a maneira, com os filhos à cabeceira (do livro *As Famílias dos Animais*). Aí, no seio da família, nasceu e cresceu a minha grande paixão pelas Artes em geral e a Literatura em particular.

Sou licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Encontro-me a desempenhar funções de professora bibliotecária, desenvolvendo, em simultâneo, inúmeras atividades, ligadas à escrita, aos livros e à leitura.





Tenho alguma obra publicada.

Em 2011, venci o prémio literário “Conto por Conto”, com o conto *A Tundra*, publicado pela Alfarroba Editora.

Em 2013, publiquei a antologia de contos “Até Ser Primavera”, graças ao prémio melhor conto, alcançado com o texto *A Pergunta*, atribuído pela Pastelaria Studios Editora.

Em 2014, com *As Famílias dos Animais*, com a editora Lugar da Palavra, estrei-me na literatura infantojuvenil, com uma obra que já vai na 3.^a tiragem.

Em 2015, publiquei, com as Edições Sem Nome, a narrativa lírica dos amores de *Pedro & Inês, Os Anjos de Pedra*.

A cada ano, desde 2012, publico um conto de Natal.

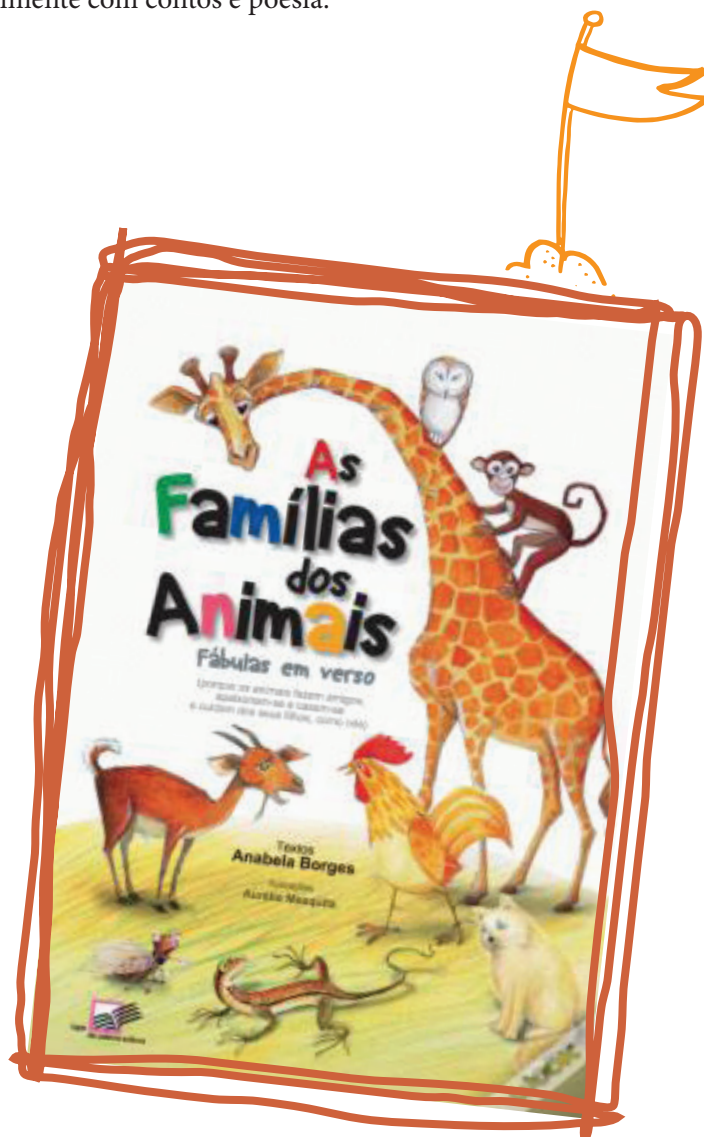
Participo no blogue de opinião *Bird Magazine* com uma crónica quinzenal.

Tenho integrado diversas colectâneas, essencialmente com contos e poesia.



AS FAMÍLIAS DOS ANIMAIS

Estas 10 *Fábulas em Verso* são música para os ouvidos dos (pequenos) leitores, porque os animais fazem amigos, apaixonam-se e casam-se e cuidam dos seus filhos, como nós, certamente. Mas também porque estes animais habitam a casa (como os gatos e os cães), o jardim (como a sardanisca, a aranha), a quinta (como as galinhas, os porcos, os grilos e as cigarras, as corujas) e a savana (como os macacos e as girafas), num amplo arco imaginativo que vai desde os animais domésticos até aos amigos selvagens. Além destes ilustres personagens, o livro também se destaca pelo seu carácter brincalhão e trocista (tão próximo da tradição popular) e pelos diálogos animados, que lhe dão uma vivacidade muito grande.



PARA BRINCALHARES

(na página 43)





Quando me pedem uma autobiografia, é sempre curioso voltar lá: ou recorro aos meus documentos já utilizados, ou tenho que desembrulhar a escrita, que foi este o caso.

Revejo novamente o desfiar dos momentos que marcaram o meu percurso: como é que tudo começou? Na verdade, eu sempre fui uma pequena ilustradora. As minhas primeiras memórias são ao colo do meu pai, a rir à gargalhada com os monstros que ele desenhava. Eu pedia mais um e ele desenhava. Eu ria-me dos monstros e ele ria-se das minhas gargalhadas de felicidade. “Faz outro!”... e o meu pai fazia... “Mais um!”... “Agora com um olho maior do que o outro!”... Na altura, ele não imaginava a repercussão que esses desenhos, feitos a caneta **bic**, iriam ter em mim.

Depois, na escola, eu adorava desenhar e a minha professora sempre me prestou atenção, falou à minha mãe do “jeito” que eu tinha para o desenho e isso fez toda a diferença, numa família nada ligada a estas coisas das artes.

Cruzou-se comigo um professor de Educação Visual que, aos meus dez anos, me mostrou pela primeira vez como se desenhava. Ficava deslumbrada a observá-lo desenhar de igual forma com a mão esquerda e com a mão direita (resultado de um antigo regime que obrigava os meninos esquerdinos a escreverem com a direita). Eu, que nunca tinha tido expressão plástica, que apenas desenhava para ilustrar as composições de Língua Portuguesa!

No liceu, as aulas de Educação Visual eram o único momento em que eu podia fazer o que mais gostava, mas eram para mim uma frustração: deixavam-me insatisfeita e achava-as pouco exigentes pois eu queria aprender mais. Virei-me então para o antigo *Compêndio de Desenho* do meu pai, editado pela Porto Editora, no ano de 1957. Aqui eu li sobre como desenhar à vista, perspectivas, técnicas sobre materiais que eu não conhecia, composição decorativa, cerâmica, desenho geométrico, tipografia, — tudo devidamente documentado com imagens que eu reproduzia





a *gouache* ou a lápis de cor. Numa época em que os trabalhos da escola não sabiam o que era o computador, os cartazes e jornais da escola eram feitos manualmente e eu fazia questão de essa ser tarefa minha.

Veio depois a escolha pelo curso de pintura, onde a cadeira de *design* gráfico teve um papel decisivo. Lecionada por António Modesto, também ilustrador, despertou a ilustração sem eu ainda saber que isso seria a minha vida. Recordo-me de ele ter convidado a Manuela Bacelar para falar do seu trabalho e a oportunidade de ver as suas ilustrações foi marcante.

O prémio de Ilustração, obtido na 7.ª Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo em 1994 (ano da conclusão do curso), fez-me acreditar e, desde então, não parei.

O primeiro livro, *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas*, escrito por João Manuel Ribeiro foi, sem dúvida, um momento feliz. Seguiram-se outros livros. Um deles, o *Poemas para Brincalhar* agora re-editado pela Porto Editora, foi particularmente desafiante: sem perder a identidade do livro pintei novas ilustrações. Isso permitiu-me fazer uma análise ao meu trabalho, perceber o que me satisfazia nele, onde tinha falhado e o que podia melhorar.

O meu trabalho é esse: desafios diários. Procurar nas palavras lidas outras leituras que me permitam construir narrativas paralelas ao texto e não apenas uma descrição ilustrada do que eu leio.

POEMAS PARA BRINCALHAR



De temática diversificada, percorre os textos um mesmo desafio às possibilidades da linguagem e das suas múltiplas combinações fónicas, melódicas e rítmicas, lexicais e semânticas. Resultando muitas vezes em efeitos cómicos, pelos resultados encontrados, os poemas tiram partido da plasticidade que caracteriza a linguagem, tornando a poesia acessível a todos, incluindo a leitores (e escritores) mais pequenos, capazes de se reverem nos textos e nos processos de escrita que eles encerram. Com subtis ilustrações, os textos ganham expressividade que também é visível no arranjo gráfico cuidado da publicação. (Ana Margarida Ramos)



PARA BRINCALHARES - INVENTAR PALAVRAS

A palavra *brincalhar* só existe no dicionário da imaginação.

Quem ma ensinou foi um menino que, um dia, depois de ouvir estes poemas, me confessou:

— Estes são poemas para *brincalhar*...

Fiquei perplexo e retorqui:

— Mas a palavra *brincalhar* não existe...

— Pois não, inventei-a hoje ao ouvir-te: são poemas *brincalhões* para brincar...

Não estás a ver?

Claro que vi! E adotei esta palavra nova.

Espero que todos o façam também e, com ela, brinquem e se tornem brincadores.

Inventa também tu as tuas palavras...



CARMEN ZITA FERREIRA

SONHOS QUE ACABAM POR SE REALIZAR



O meu nome é Carmen Zita Ferreira. Sou a mais nova de três irmãos e no dia 25 de abril de 1974 estava ainda confortavelmente no ventre de minha mãe. Só na véspera do feriado da Instauração da República, desse mesmo ano, é que decidi apresentar-me ao resto do mundo.

Os primeiros anos da minha vida foram perfeitos: afeições a vários gatos (qualquer um que aparecesse aparentemente sem dono), a uma cadela leal e inesquecível e a uma burra cinzenta, de olhos doces; brincadeiras que me valeram vários episódios de cabeça partida (e acreditem, a cabeça não é assim tão fácil de partir); cantorias e passos de dança; aspiradores transformados em automóveis e horas a fio com papéis para encher de cor.

Quando fiz 6 anos, mudei de casa. A casa nova ficava junto a um pequeno sobreiral que viria a influenciar toda a minha vida. Do outro lado da rua havia um extenso olival que terminava na casa de um menino, que viria a ser meu amigo e que tinha o mesmo sonho que eu: construir uma casa numa árvore. Foi projeto que não vimos concluído, o que não nos impediu de, durante anos, ir tentando.

Na Escola Primária conheci o meu Professor Rocha, o ser humano que, depois de meus pais e irmãos, foi o mais importante da minha história. Para além das aulas com

o Professor Rocha, passei também a cantar num Coral Infantil e a música transformou-se na parte mais autêntica de mim.

Fui crescendo, aprendendo a reconhecer a passagem das Estações do Ano, a somar amigos e a multiplicar alegrias. As tristezas, dividia-as com a minha mãe e o resultado era sempre o mesmo: ficarem mais pequenitas.

Na música chegaram o Bandolim e a Trompa de Harmonia. Na escola fui aprendendo o que me ensinava o Professor, conforme conseguia.

Entre esse tempo e o momento presente, a minha vida deu muitas voltas. A volta mais recente, fez-me pousar numa Biblioteca. Entre voltas, leituras e melodias, apoderou-se de mim a determinação de mostrar aos outros o que ia escrevendo e em 2004, a Editora Som da Tinta publicou o meu primeiro livro de poesia, *Jogo de Espelhos*.

Em 2010, resolvi aventurar-me na Literatura Infantil e Juvenil e *O Bicho de sete cabeças – História de uma eleição democrática* (Trinta por uma linha), ilustrado por Sandra Serra marcou o início dessa aventura. A leitura deste livro é recomendada, desde 2011, pelo PNL – Plano Nacional de Leitura (para apoio a projetos relacionados com Cidadania para os 3º, 4º, 5º e 6º anos do Ensino Básico). Esta ventura mudou a minha vida e eu, que

até aqui conhecera meia dúzia de escolas, passei a conhecer muitas mais. Todo este contexto fez com que continuasse a escrever para as maravilhosas pessoas que fui conhecendo e que transformam simples instalações escolares em chão primordial, de onde brotam “plantas” de raízes fortes e frutos prodigiosos.

A partir daqui esta história faz-se de títulos:

Em 2013, *Dois dedos de conversa*, ilustrado por Sara Cunha; em 2015, *O Pequeno Trevo vai à escola*, ilustrado por Bruno Gaspar (Ed. APPC – Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Leiria); em janeiro de 2016, *O Morcego Bibliotecário*, ilustrado por Paulo Galindro e recomendado pelo PNL; em 2017, *Beatriz, a árvore feliz*, ilustrado por Helder Barbosa; ainda em 2017, a segunda edição de *Dois dedos de conversa*, com a oferta de CD com as músicas compostas por Paulo Honório Ferreira e por Jorge Gonçalves.

Muitas voltas pode dar o mundo e nós com ele, mas entre partidas e regressos, há sonhos que, se soubermos alimentar com pó de estrelas, acabam por se realizar. É o que tenho tentado fazer.



O MORCEGO BIBLIOTECÁRIO

«O Morcego Bibliotecário» tem como pano de fundo um facto verídico reportado, de quando em vez, pela comunicação social: os morcegos, pela sua habilidade em capturar insetos, asseguram a preservação dos livros de algumas das mais antigas e relevantes bibliotecas portuguesas, como a biblioteca do Palácio de Maфра.

Além de informações sobre as diversas espécies de morcegos e do seu habitat, esta história com asas enfatiza sobretudo o amor aos livros e à leitura. É esta razão que leva Franjinhás, o protagonista da narrativa, a deixar a sua família e a sua comunidade para suceder ao velho Ferradura como bibliotecário no palácio distante e assim dar continuidade a uma ilustre linhagem de morcegos bibliotecários.

A este criativo argumento, sonhado por Carmen Zita Ferreira, o ilustrador Paulo Galindro empresta e dedica toda a sua arte e paixão, experimentando pela primeira vez mostrar a grandeza do seu apelido materno (Paulo Jorge Carvão Galindro) na técnica (de ilustração) de um livro. O resultado é absolutamente fantástico.

Este é um livro que, pela sua excessiva beleza, pode certamente «virar a cabeça» ao leitor e fazê-lo exclamar «tudo pelo amor aos livros».



PARA BRINCALHARES - FAZ O TEU RETRATO

Paulo Freixinho faz palavras cruzadas. Não, não passa a vida a passar o tempo a fazer palavras cruzadas. Elabora Palavras Cruzadas para a revista *Caras* (Feriaque), *Público* (Feriaque), *Jornal de Notícias* (Feriaque), *Seleções Reader's Digest*, *A Voz de Trás-os-Montes*, *Point24* (Luxemburgo), *Portugal Post* (Alemanha) e *A Casa do João*, entre outros.

Tem uma palavra preferida: Xurdir, que significa fazer pela vida. Publicou o livro *Palavras Cruzadas com Literatura* (Ed. Quetzal) e ofereceu à Carmen este retrato. Faz o teu, tu também!

MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE

AUTOBIOGRAFIA



Ser professora não foi a primeira opção. Matemática e Física eram o meu reino. Uma qualquer engenharia era o objetivo, não fosse o Desenho ter de emparceirar com o cálculo durante grande parte do percurso académico. Um professor, ótimo nas Artes mas péssimo em regras básicas de Psicologia, desenhava-me o destino sempre que comentava e avaliava “as minhas obras de arte”. Eis-me, então, por decisão firme e consciente, no caminho das Letras, pelas quais me vim a apaixonar. Reprogramada a rota, o foco era ser professora de alunos crescidos. Aconteceu apenas durante um ano. Mais uma vez a vida me trocou as voltas e acordei no estágio profissional do 2.º ciclo, que concluí com nota máxima. Depois da recusa de convites para diversos cargos ligados à inspeção e gestão escolar, retomei a carreira docente, como imaginara, exclusivamente dedicada aos meus alunos. Pensava eu! O facto de ter concluído a profissionalização em ensino, quando a maioria dos professores pertencia ao quadro dos provisórios, chamava-me a responsabilidades acrescidas. Ainda na casa dos vinte anos, estava a presidir ao primeiro conselho diretivo da minha escola, eleita pelos movimentos do pós-revolução. Foi uma escola de vida, um tempo de crescer

depressa e experiências fundamentais para o percurso posterior. No entanto, logo que me foi possível, passei a pasta da gestão para me entregar definitivamente ao setor pedagógico, iniciando uma nova fase, dedicada à formação de professores, trabalho que foi fundamental para o meu crescimento profissional mas me roubou tempo de escrita. Essa, começou por ser dirigida aos meus alunos, depois adormeceu na gaveta. São dessa época alguns contos incluídos em *Histórias Assim e a Sério* (Trinta por uma linha, 2011). O intenso trabalho na escola retirou-me disponibilidade para os necessários contactos com vista à edição. Dessa fase ficou-me uma carta manuscrita de Ilse Losa – que guardo como uma relíquia –, restos de uma troca de mensagens sobre sugestões de publicação. Felizmente ainda não havia e-mails! Entretanto, outra porta se abriu: a colaboração com a Porto Editora, no âmbito da elaboração de vários materiais de Língua Portuguesa para o 2.º e 3.º ciclos. O trabalho intensificou-se e o tempo para escrever sofreu um corte. Mas foi nessa altura, que, juntamente com os originais de um caderno de exercícios, enviei uma coleção de poemas, solicitando uma apreciação. Pela

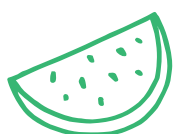
a asas
reira
indo





mão do Professor José António Gomes, que então coordenava a edição infantojuvenil da PE, nasceu o meu primeiro livro publicado: *Bichos faz-de-conta* (Porto Editora, 2008). Estava dado o primeiro passo, talvez o mais difícil. Daí em diante, entre poesia e narrativa, foram surgindo os treze títulos atualmente publicados, quatro dos quais incluídos no PNL, e a participação em cinco antologias. Algumas boas surpresas foram, entretanto, surgindo: em 2015, *Do querer ao ter há muita coisa a fazer* (TPUL, 2015) recebeu o prémio Tabula Rasa – Festival Literário de Fátima. Na sequência da publicação deste livro e de um outro da mesma coleção *História da Formiga e da Cigarra que não foi na cantiga*, recebi o convite do Ministério da Educação para elaborar os Cadernos de Educação Financeira para o 1.º, 2.º e 3.º ciclos, que realizei formando equipa com João Manuel Ribeiro e a Trinta Por Uma Linha.

Neste momento, além de alguns originais em lista de espera de edição, dou continuidade ao meu projeto de levantamento e recriação de contos e lendas do meu concelho – Águeda –, trabalho que me dá muito prazer e que já conta com seis títulos publicados.



O RAPAZ QUE QUERIA AGARRAR O SOL

O rapaz que queria agarrar o Sol é a recriação da lenda explicativa do nome de uma aldeia situada na encosta poente da serra do Caramulo: Póvoa do Vale do Trigo. Esta lenda foi recolhida por Francisco Silva, junto dos habitantes da referida aldeia e (re)escrita por Maria da Conceição Vicente.

«Reunidos os aldeões, reconheceram que, afinal, a aldeia estava rodeada por uma seara de trigo que lhes ia dar pão, pão branco como o das terras de abundância, e meios de vida. O rapaz acreditou que, na sua generosidade, o sol lhe tinha mostrado o verdadeiro ouro da terra, e entregou-se cheio de entusiasmo à sua tarefa de lavrador.

E para que ninguém mais esquecesse o que um dia ali se passou, decidiu que aquela terra passaria a chamar-se Póvoa do Vale do Trigo. E ainda hoje se chama assim.»

PARA BRINCALHARES - PARA DESENHARES

As férias são tempo de mar, de Sol, de descanso e também de procuras.

Tendo em conta a ilustração de Patrícia Figueiredo, do livro *O rapaz que queria agarrar o Sol*, escrito por Maria da Conceição Vicente, desenha o teu «encontro» com o mar e o Sol.



FEDRA SANTOS

AINDA DESEJO VIR A SER TUDO E MAIS ALGUMA COISA



Nasci em 1979, em Freamunde, cidade (infelizmente) conhecida como Terra dos Capões. (Se as pessoas de consciência assim o exigirem, ainda espero vê-la transformada na Terra dos Capões Anestesiados. *Fingers crossed!*)

Tive sempre muito apetite por leitura e desenho, ainda mais do que por chocolate. Em pequenita, passava horas a copiar personagens de Walt Disney, Mauricio de Sousa e Quino. Esse *cocktail molotov* de obras românticas e de humor corrosivo desenvolveu-me uma ambivalência de personalidade caracterizada por um lado “infantiloromântico” (i.e. grande dificuldade em perceber o mundo adulto) e por um lado “cínico-crítico” (i.e. grande dificuldade em perceber o mundo adulto). Isso reflecte-se nos meus desenhos – mesmo quando me entusiasmo a ilustrar belas princesas, acompanho-as de personagens menos insossas, feias, porcas e más, de barrigas fecundas e narizes sugestivos.

Da minha infância vem também o gosto por cores fortes e expressivas (ainda que a minha visão do mundo flutue entre o negro e o cor-de-rosa, consoante os dias e as circunstâncias).

Licenciei-me em Design de Comunicação na FBAUP, onde fiz bons amigos, entre os quais a Abigail (Ascenso). Em 2003, findada a licenciatura, perdemos a cabeça e fundámos o *atelier de design* Furtacores. Trabalhámos juntas até 2015, ano em que decidimos tentar carreiras a solo, antes de ficarmos “cheias de rugas empresariais”.

Tenho desenvolvido variados projectos de *design*, mas o meu cantinho preferido continua a ser a ilustração.

Com José Viale Moutinho, editei o meu primeiro livro – *Os Dois Fradinhos* – e tenho a minha mais longa parceria, com mais de 15 títulos editados. Somos a única dupla portuguesa que ousou lançar um livro infantil com bruxas de rabo ao léu na capa!



Ilustrei dezenas de livros como *O Rapaz de Bronze*, de Sophia de Mello Breyner Andresen; *O Cavalo das Sete Cores*, de Papiniano Carlos; *O Maior Sonho*, de Maria Teresa Maia Gonzalez; *A Gata Tareca e Outros Contos Levados da Breca*, de Luísa Ducla Soares; *Jabiraco*, de Marcus Tafuri; *Sapinho e Sapão*, de Nicolás Guillén. Um dos meus preferidos continua a ser o *Animalices*, de João Manuel Ribeiro, porque encontrei nele um poeta amigo dos animais.

Depois de ler a autobiografia de Wangari Mathaai em 2012, tornei-me voluntária do projecto das *100 Mil Árvores para o Futuro*. Desde 2016 colaboro regularmente com o Município de Lousada e com o incansável e criativo Vereador Manuel Nunes em projectos relacionados com a defesa e educação para o ambiente. Actualmente, a menina dos meus olhos é o livro *O espantoso recordatório de factos adoráveis sobre os incríveis animais de Lousada*, com texto da bióloga Milene Matos.

Estes projectos têm sido uma ajuda preciosa para amenizar a culpa que sinto por fazer parte da raça humana. Isso e um blog de cartoons chamado *A Fera do Fim do Mundo*, que vou mantendo de forma muito irregular, só para “desopilar o fígado”.

Ainda desejo vir a ser tudo e mais alguma coisa. Neste momento, quero ser bióloga e presidente dos EUA... o mais rapidamente possível!

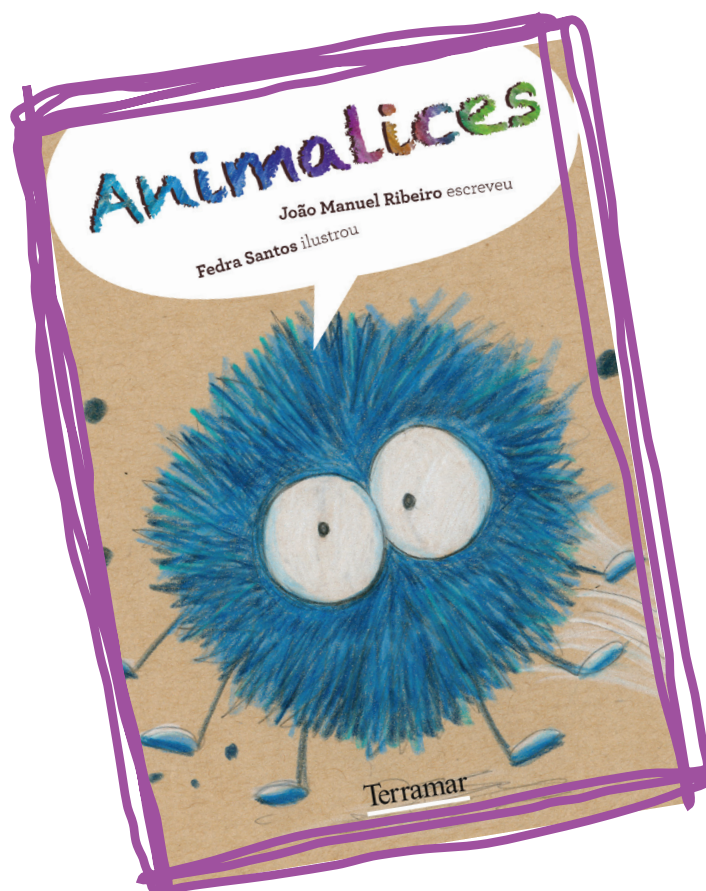
ANIMALICES

Os animais povoam a escrita dos poetas e os desenhos dos ilustradores e habitam o imaginário de meninos e meninas como tu. Neste livro, os animais serão reis e senhores, manifestando-se de diversas maneiras.

Queremos, assim, ajudar-te a conhecer melhor e a respeitar mais todos os animais, falando das suas artes e manhas, ouvindo-os falar às boas e entabular diálogo, porque eles são um livro aberto que podemos sempre ler (escrever e desenhar também). Esperamos que te delicies (tanto quanto nós) com estas «Animalices»...

PARA BRINCAHARES

(na página 46)



MANUELA RIBEIRO

A POESIA ESTÁ SEMPRE COMIGO



Fiz o meu primeiro poema aos quatro anos de idade e, a partir dos onze ou doze, comecei a inventar histórias, mas não estava nos meus planos tornar-me escritora.

O que eu ambicionava mesmo era ser cantora e atriz e, de certo modo, estes dois sonhos acabaram por se concretizar, ainda que fugazmente: no Liceu, fiz parte de um pequeno grupo de canto lírico até ao momento em que, por ter começado a dedicar-me mais à cantoria do que aos estudos, os meus Pais me acabaram com os gorjeios; já na Faculdade, integrei durante algum tempo o Grupo de Teatro Alemão.

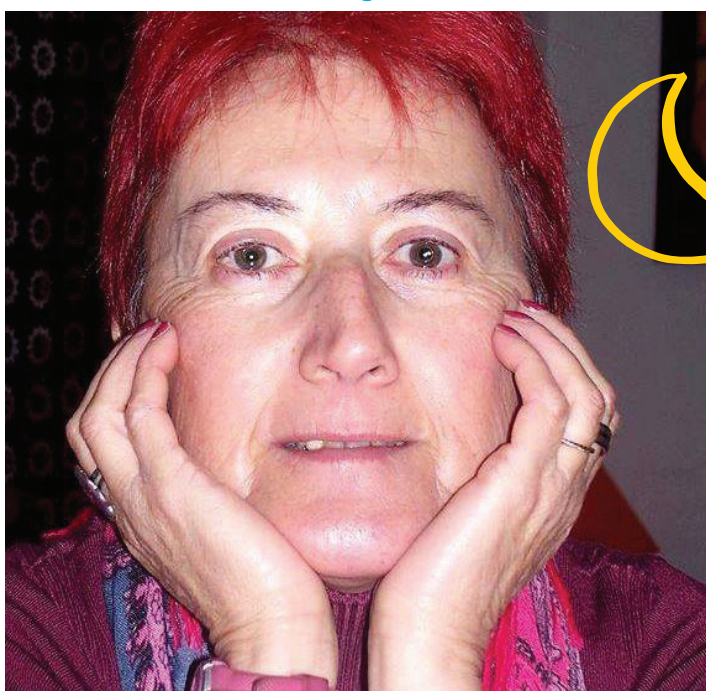
Apesar dos cadernos que fui enchendo, ao longo dos anos, com a minha produção poética, continuava a não pensar ser escritora, e o mais parecido com uma possível atividade literária eram as inúmeras traduções que

fazia, para Português, de obras escritas por terceiros.

Uma bela tarde, depois de ter chegado uma vez mais à conclusão de que não tinha tempo, nas aulas, para falar aos meus alunos de alguns aspetos da cultura e da História do Reino Unido, meti mãos à obra e comecei a escrever aquilo que, mais tarde, viria a chamar-se *Um Rapto em Londres*.

O livro foi publicado em julho de 1998 e, embora eu continuasse a não querer ser escritora, o destino trocou-me as voltas. No bom sentido, claro! Aconteceu que, passados poucos meses, integrava a lista de obras selecionadas para as *Olimpíadas da Leitura*.

Entusiasmada com esta minha “proeza”, escrevi *O Assalto à Quinta*, cuja ação decorre no Minho e é uma espécie de homenagem à minha família paterna.





E depois... tomei-lhe o gosto e a coleção *Aventuras de Miguel e Ricardo* tem vindo a somar títulos atrás de títulos.

Para além destes, outros livros têm surgido, como por exemplo os romances juvenis *Horas de Acordar* e *Eu Sou Bom Mas Não Me Gabo* (este título teve origem numa frase dita por um dos meus alunos).

Quanto aos chamados “livros infantis” (utilizei aspas porque não gosto destes rótulos; para mim, há apenas livros que cada um pode ler, independentemente da sua idade), alguns versam temas muito sérios: *Castanho & Branco*, que aborda a diferença, seja ela qual for; *A Plantinha dos meus Pais*, que fala da adoção; *História que há de Ser*, que fala da pressa com que se vive atualmente; *História do Senhor Sisudo que Sabia Tudo Tudo*, que fala de afetos.

Costumo contar estas três últimas nas sessões que faço de *Hora do Conto para Antigas Crianças*. Histórias ditas “infantis” contadas a quem já tem mais alguns anos de vida!

Apesar de todos estes textos em prosa, a poesia está sempre comigo e é em livros como *Uma Letra, Mil Palavras* ou *Versos para Meninos que Comem Sempre a Sopa Toda* que dou largas à imaginação e crio situações em que o nonsense impera.

Os leitores poderão divertir-se com o que escrevo, mas eu divirto-me antes deles e acreditem que, neste caso, quem ri primeiro é que ri melhor!

HISTÓRIA QUE HÁ DE SER

Era uma vez? Não! Há de ser uma vez porque, por mais que a Terra gire, há de haver sempre gente apressada, bonecos de neve solitários e crianças de coração generoso.

Volume n.º 4 da coleção “Para os mais pequenos”, esta “História que há de ser”, com texto de Manuela Ribeiro e ilustrações de Nídia Nair, promete enleiar os pequenos leitores e facultar aos educadores o pretexto para discutir mais um tema fraturante da nossa sociedade. Porque é preciso ter coração num mundo cada vez mais individualista.

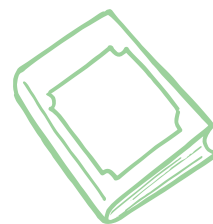


PARA BRINCAHARES

(na página 44)

GABRIELA SOTTO MAYOR

OS LIVROS QUE TRAGO COMIGO



Comecei nas andanças da ilustração de livros de literatura para miúdos (e graúdos) em 2005 com *Uma caçada no chão da cozinha* (com texto de Inácio Nuno Pignatelli e editado pela desaparecida Campo das Letras). Aprendi que nada sabia sobre o negócio e conheci muitos caminhos a não seguir. Coisa frequente num ensaio geral. Depois vieram muitos outros. Com *Mozart, o menino mágico* (2006, Ambar) veio a oportunidade de conhecer o seu escritor José Jorge Letria. Havia alguns anos que ele fazia parte do meu mapa literário. Com *A Flor da Alegria* (2006, Campo das Letras) conheci Manuela Monteiro, uma escritora imensamente simpática que, apesar de na altura já contar muitos anos — se bem me lembro setenta e muitos — se mantinha eternamente jovem. Trocamos muitos *e-mails* só porque sim. Com *Leãozinho* (a partir do poema de Caetano Veloso, 2007, Quasi) ouvi vezes sem conta a voz de Caetano revivendo uma parte feliz da minha adolescência. Com *Xavier, o*

livro esquecido e o dragão enfeitado (2007, Ambar) conheci a bela e sempre pertinente Patrícia Reis. É difícil não ser sua fã. Com *O Pai Natal e o maiúsculo menino* (2009, Trinta por uma linha) conheci dois lados de uma moeda, João Pedro Mésseder o escritor e José António Gomes o investigador. Iniciar um projeto a dois só porque sim, ainda sem destino concreto, foi uma primeira vez emocionante.

Com *O Nó dos livros* pude conhecer a querida Margarida (Fonseca Santos) (2009, Trinta por Uma Linha) e o seu editor João Manuel Ribeiro. Com *A casa dos feitiços* (2010, Trinta por Uma Linha) e *Versos de não sei quê* (2011, Trinta por Uma Linha) o João passou rapidamente de (apenas) editor a escritor amigo. Com ele o negócio ficou mais claro. Com ele pude arriscar sem rede. E o *avó come muito queijo, é o que é!* pôde nascer. O primeiro livro que também escrevi (em parceria com Manuela Leite, 2011, Trinta por Uma Linha). Um livro especial que traz à luz a demência e o envelhecimento.



Depois de um interregno para estudar a ilustração dos colegas de profissão - que, curiosamente, também deu origem à publicação de um livro gordo de letras (minhas) e imagens (de outros) de nome *Ilustração de livros de LIJ em Portugal na primeira década do século XXI - caracterização, tipificação e tendências* (2016, Tropelias & Companhia) - desenferrujei, a preto e branco, digitalmente, com *Notícias fugazes do amor* (João Manuel Ribeiro, 2017, Busílis). À data em que escrevo estas palavras, precisamente no dia em que se comemora o Dia Internacional do Livro Infantil, chegou-me pelo correio uma encomenda especial, um exemplar do meu livro mais recente *Os animais que tive* (João Manuel Ribeiro, 2018, Porto Editora). Continuando a aventura, agora já confortável, da ilustração digital tive um coelhinho e um pintainho, um pato e um gato e uma girafa e mais alguns.

Contando já mais de duas dúzias de livros ilustrados, estes que fui lembrando são os que me vêm à ideia sem esforço. Os que trago comigo.

OS ANIMAIS QUE TIVE

Os animais que tive é um livro em que são convocados 23 animais, domésticos e selvagens, com nomes curiosos e divertidos, que rimam, quase sempre, com qualidades e atitudes que nos dizem, com humor, como são e o que fazem os ditos bichos.

Estamos, assim, diante de um jogo poético que, socorrendo-se dos animais como personagens prediletos dos pequenos leitores, através da quadra e a rima divertida, é um lúdico convite a que todos conheçam os animais, possam dar-lhes nomes, e, sobretudo, brinquem com as palavras e as rimas.

PARA BRINCALHARES

(na página 45)



HORÓSCOPO DA LEITURA



Carneiro (21/03 a 20/04) *

Ler é melhor do que contar carneirinhos, podes crer. Se ao deitar, leres uma ou duas páginas de um bom livro, dormirás melhor e sonharás com as palavras. E escolhe o que queres ler, não sejas carneirinho!



Touro (21/04 a 21/05) *

Não tens de arremeter contra todos os livros! Há muitos que são bons, que te tornam mais forte e melhor. Terás de ler alguns porque são úteis. Outros lerás porque são irresistíveis, pela cor, a forma, o papel, a história que conta. Investe na leitura, sem medo e com coragem.



Gêmeos (22/05 a 21/06) *

Não há dois livros iguais, cada um tem a sua história. E também não há histórias iguais, cada um tem o seu mistério. Não te deixes enganar pelas aparências.



Caranguejo (22/06 a 22/07) *

Também podes ler de trás para a frente, não há nenhum mal nisso. Às vezes, muitas vezes, até é bem interessante. Ler assim distingue-te dos outros e agiliza o teu pensamento e imaginação! Experimenta!



Leão (23/07 a 22/08) *

Não temas a leitura! Mesmo os livros bravos, com muitas páginas ou difíceis aguardam que os devores, sem dó nem piedade. Tens de manter a bravura da tua condição de (bom) leitor.



Virgem (23/08 a 23/09) *

Se nunca leste a sério (embora tenhas sonhado com isso), tens de experimentar agora. Não perderás nada, antes pelo contrário, ficarás a saber como é bom ler e como a leitura te dá prazer (mesmo físico)!



Balança (24/09 a 23/10) *

Os livros não se medem ao peso, nem pelo número de páginas, mas pela leveza que deixam no teu pensamento e no teu coração. Podes ler livros leves que te fazem voar ou livros pesados que te fazem pensar (e te comovem). Não deixes que a leitura não tenha peso em ti.



Escorpião (24/10 a 22/11) *

Há livros que te picam, que te desafiam, que te envenenam de ideias e pensamentos doces e amargos. Deixa que os livros testem os teus limites e deem profundidade e direção à tua vida. A tua vontade férrea e teu forte sentido de justiça encontrarão na leitura uma ferramenta eficaz.



Sagitário (23/11 a 21/12) *

As tuas leituras estão entre o real e o imaginário. És um bom leitor e fazes grandes viagens nos diferentes livros que lês e pelos quais quase sempre te entusiasmas. Partilha com os outros o teu gosto pela leitura. Isso torna-te mais feliz...



Aquário (21/01 a 19/02) *

Na leitura há muitas correntes, marés e margens. Se ficares no aquário de um só livro e não navegares por diferentes e variados livros, nunca saberás como ler te inunda. Não permitas que ninguém escolha por ti os livros que deves e/ou queres ler. Se puderes, salta do aquário!



Capricórnio (22/12 a 20/01) *

Não desconfies das tuas qualidades de leitor. Não há nenhum mal em ser um leitor organizado, persistente, silencioso, engenhoso e sensato. Mas não avalies os livros pela capa (e contracapa) e terás ótimas surpresas! Não leves muito a sério os livros de humor – rir, lendo, também é bom!



Peixes (20/02 a 20/03) *

Na leitura, tu devias sentir-te como um peixe na água, isto é, sentir-te à vontade, satisfeito, agradado e feliz! Ler muito, ler bem, ler expressivamente, ler com e ler para os outros têm de ser um hábito, um ritual de cada dia. Inunda-te!

Boas Leituras!

João Manuel Ribeiro

LEMOS, GOSTÁMOS E...



ANIMAIS E ANIMENOS

Neste *Animais e Animenos*, de Rita Taborda Duarte (Caminho, 2017), o que (as)salta logo à vista

é o trocadilho do título: animais e animenos. Somos imediatamente levados a concluir (erradamente?) que há animais que são mais e outros que são menos. Talvez resida aqui o segredo do livro. Na verdade, há os animais que conhecemos que se inscrevem na realidade, e os animenos que (ainda) não reais, «por terem de menos mais», «e sem serem bem animais / são chamados animenos, / bichos tal qual os demais / mas tendo bastante menos. É, assim, saltando de ideia em ideia, pulando de verso em verso, que somos confrontados com animais que, afinal, são o reverso de si, animenos, como, por exemplo, as elefantigas, os girafeus, os camaritos, a naloleia azul, etc..

Vistos deste modo, cautelosa e demoradamente, «são estes alguns animenos / que se atropelam em turbilhão / dentro da nossa cabeça / quando fechamos os olhos: // uma espécie de piolhos / que vivem nos nossos miolos / e não nos nossos cabelos / e assim, por isso mesmo, / é impossível vê-los.» Animenos são animais que vivem e estão na imaginação das crianças e animais são aqueles que apenas estão na vista e na cabeça vazia da realidade dos adultos.

Um livro fantástico, capaz de fazer rodopiar, em todos, uma macacança! E que bem que faz esta comichão ao lóbulo da imaginação!

Rita Taborda Duarte & Pedro Proença (2017).
Animais e Animenos.
Lisboa: Caminho.



AS PIORES CRIANÇAS DO MUNDO

O que fará com que algumas crianças sejam as piores do mundo?

David Walliams não tem

medo de identificar algumas características que podem tornar algumas crianças as piores do mundo.

Como Sofia Sofá, uma superviciada em televisão, tão colada ao sofá que quase se confunde com ele. Como João Babão, um rapaz cuja baba o mete em sarilhos tremendos numa simples visita de estudo. Ou como Fiona, a Chorona, uma irmã mais velha que só sabe berrar!

Assim juntas, estas crianças parecem fazer adivinhar confusões e trapalhadas! E que bem que nos são descritas e apresentadas estas histórias de vida que, bem vistas as coisas, tornam estas crianças (e todas as crianças) irreverentes, impertinentes, mas nem por isso as piores do mundo!

Este livro ajuda-nos a compreender como exagerar (hiperbolizar) e generalizar é sempre perigoso e nunca diz o que uma pessoa (no caso, uma(s) criança(s)) é (são), correndo-se mesmo o risco de separar e discriminar a diferença. Por outro lado, estas histórias, pelo modo como estão narradas e “apanham” o cómico das personagens constituem-se como um hino ou elogio à (boa) rebeldia e uma crítica divertida, mas mordaz, aos comportamentos morais (sejam eles de que tipo forem).

Um livro para desempoeirar a cabeça e desarmar atitudes...

Uma boa nota para as ilustrações fabulosas de Tony Ross

David Walliams & Tony Ross (2018).
As piores crianças do mundo.
Porto: Porto Editora.



RECOMENDAMOS.



FRANKLIN E A LIVRARIA VOADORA

Este livro, escrito pela escritora e *vlogger* Jen Campbell e ilustrado por Katie Harnett, é estranhamente delicioso por variadas razões: primeiro, porque o protagonista é um Dragão, chamado Franklin; seguidamente, porque o Dragão (estranhe-se!) adora livros e de os ler em voz alta para toda a gente ouvir; depois, é um livro sobre uma livraria bizarra, geograficamente situada nas costas do dragão, lugar ora incómodo, ora feliz. Mas há um problema evidente que impede o Dragão de concretizar o seu sonho: as pessoas têm, obviamente, medo dele.

E a história terminaria aqui (como muitos sonhos...) se Franklin não tivesse encontrado e “cativado” uma menina que também adora livros e gosta de ler (é a sua alma gémea). Juntos, decidem “abrir” uma livraria voadora.

Uma belíssima metáfora sobre o prazer de ler! De ler em voz alta, de ler para os outros, com os outros! Do modo como é necessário fazer “das tripas coração” para fazer chegar os livros e a leitura a todos, porque ler é bom e faz bem. Uma metáfora que guarda (e retrata) a história de vida de tantos mediadores de leitura!

Um livro comovente!

Jen Campbell & Katie Harnett (2018).
Franklin e a Livraria Voadora.
Lisboa: Fábula.



UMA ROSA NA TROMBA DE UM ELEFANTE

A Orfeu Negro acaba de publicar na coleção Mini Orfeu, o livro de António José Forte, *Uma rosa na tromba de um elefante*. Editada em 1971 pelas edições Afrodite, de Fernando Ribeiro de Mello, na coleção Cabra-Cega, esta obra, constituído por 19 poemas, vive «da subversão das ideias, das imagens de arrepio, da tensa e lúcida atenção que é dada a um quotidiano» e apresenta alguns temas concretos, em ciclos, como: o ciclo dos animais, em que estes são protagonistas: a borboleta amarela e a borboleta do arco-íris, o cavalo, o elefante, a pulga e o cão, o coelho, a sereia e a estrela-do-mar, o cágado, as pombas encarnadas; o ciclo da História de Portugal, em poemas como «História da navegação» e D. Pedro e implicitamente em outros como «A torre de Pisa» e «O ilusionista»; o ciclo dos quatro poemas breves em que se brinca com os provérbios e aforismos: o ciclo das bicicletas, composto por sete poemas; o ciclo de intervenção, que, com recurso ao fantástico e ao *nonsense*, introduz temas de índole política e social, que se prendem com o estado do país, governado por um homem muito velho. Em conclusão, *Uma rosa na tromba de um elefante* é uma coletânea poética que mantém total atualidade, desafiando os leitores a uma experiência de leitura surpreendente, a que a exuberante ilustração de Mariana Malhão corresponde magnificamente.

António José Forte & Mariana Malhão (2018).
Uma Rosa na Tromba de um Elefante.
Lisboa: Orfeu Negro.



APROVEITA E EXPLORA

DICAS DE ESCRITA

Um, dois, três... ação!



Por onde começar?

Um, dois, três... ação! Não. Não estamos a fazer a contagem crescente para dar início à filmagem de uma cena de um filme. Estamos simplesmente a contar as partes de uma narrativa que, como já sabes, tem como componente essencial a ação – sequência de acontecimentos que se desenvolvem ao longo do tempo, seguindo a ordem de princípio → meio → fim. Logo, um texto narrativo deve ser organizado considerando três partes:

1. introdução (situação inicial)
2. desenvolvimento
3. conclusão (desenlace)

O que dizer, então, em cada uma destas três partes?

Introdução (situação inicial): apresentação das personagens, por vezes descrevendo o seu retrato, como já aprendeste. Trata-se do ponto de partida da história, geralmente uma situação equilibrada (tudo está certo, no sítio certo), onde as personagens aparecem enquadradas num tempo e num espaço e tudo parece estável.

Desenvolvimento: O primeiro acontecimento ou a primeira ação realizada pelas personagens (uma ou mais) marca o início do desenvolvimento da história. Sucedem-se, a partir daí, as peripécias em que as personagens se veem envolvidas, conduzindo geralmente a complicações e situações de conflito, cuja resolução irá conduzir ao desenlace.

Conclusão (desenlace): situação final, onde tudo se estabiliza e se reequilibra.

Lê com atenção a história seguinte e observa as partes do texto:

Introdução

A casa era grande e bastante acolhedora. Tinha as traseiras protegidas pela duna e janelas rasgadas, que deixavam entrar o sol e avistar o mar – uma larga e extensa fita ondulante, ora azul, ora verde, ora cinza, dependendo da cor do céu. Nessa casa morava a família Paiva: pais e dois filhos, desejosos de ter um cão.



No dia combinado, o avô trouxe o Patolas, um cão-d'água português, assim chamado graças às suas patas robustas. Mal entrou em casa, o Patolas correu a fazer o reconhecimento do espaço, passando depois à horta e ao jardim. Foi dar ao galinheiro, bem disfarçado por detrás de uma sebe de buxo geometricamente recortada. Fitou as orelhas e sentou-se em frente, observando a agitação dos galináceos, assustados com a sua presença. Regressou depois a casa, em passo lento, onde entrou pela portinhola aberta na porta das traseiras para que pudesse entrar e sair quando bem lhe apetecesse. Quando atravessava a cozinha, sentiu um ligeiro ruído, que não conseguiu identificar de imediato. Ergueu o focinho e farejou. Nada! Mas cão que é cão nunca desiste de procurar e não demorou muito a encontrar o canário, que lhe deu as boas-vindas com um trinado a preceito. Depois da surpresa, o Patolas continuou a sua missão de reconhecimento. Devagar, com quem anda e vai pensando.

Deitado no sofá da sala, focinho esticado sobre as patas dianteiras, o Patolas olhava o aquário, onde o peixinho vermelho dava voltas e reviravoltas, ora lentas ora rápidas, num cumprimento ao novo habitante da casa.

“Tanta gaivota a voar e o mar aqui tão perto... Tenho muito trabalho a fazer nesta casa!”, pensou o Patolas. E dedicou o resto do dia a traçar um plano, esticado no sofá, olhar perdido, muito quieto. “O cão parece que não gosta de nós! Está tão triste...”, comentário desiludido dos miúdos; “Estará doente?”, preocupações de mãe; “Está ainda a adaptar-se.”, sentido prático do pai. O Patolas ouvia tudo, mas fazia orelhas moucas. Na sua cabeça ia desenhando a tática para um plano infalível.

Durante a primeira semana tudo correu sobre rodas. O Patolas ficava em casa, enquanto os donos saíam para o trabalho e para a escola. No final da tarde, quando regressavam, fazia-lhes a receção própria de cão de família: correrias loucas, piruetas acrobáticas, lambidelas e olhinhos meigos... Tudo como mandam as regras. Era preciso conquistar a família e ganhar confiança, até chegar o dia de pôr o plano em prática. Nada de fins de semana, quando todos estão em casa. Nunca se sabe o que poderá acontecer a seguir.

Quinta-feira foi o dia escolhido: os donos chegavam mais tarde. Logo de manhã, mal viu o carro dobrar a esquina, o Patolas dirigiu-se ao galinheiro e sentou-se em frente a observar o fecho da porta: uma

taramela, chamavam os donos a uma peça de madeira, feita pelo pai e sem grande segurança. Nada mais fácil de abrir. Desatou aos saltos e, ora com o focinho ora com as patas, foi empurrando a taramela, que facilmente se soltou. Os saltos frenéticos do Patolas instalaram a confusão no galinheiro: grasnaram os patos, cacarejavam as galinhas e o peru não parava de esticar o pescoço e gorgoletar. No entanto, mal a porta abriu, o coro desafinado deu lugar a uma corrida desenfreada rumo à horta, para um ataque em massa: os patos às alfaces, as galinhas às ervilhas. O peru hesitava na escolha, era de má boca.

“Primeira etapa cumprida com êxito!”, pensava, satisfeito, o Patolas, enquanto se dirigia à cozinha. Mediu a distância do chão à gaiola; saltou para cima da bancada e daí para o parapeito da janela; trepou para cima do vaso da orquídea e ficou ao nível da gaiola. Depois, foi só usar os dentes com habilidade aprimorada. O canário esvoaçou pela cozinha e, num voo desajeitado, pôde, pela primeira vez, conhecer todos os cantos da casa.

Faltava o mais difícil: o peixinho vermelho. Mas o Patolas já tinha tudo estudado. Desceu à cave e trouxe o baldinho com que os miúdos brincavam na praia;



correu a enchê-lo de água no tanque dos patos e regressou à sala. Foi difícil passar com o balde pela portinhola, mas conseguiu. Depois foi só trepar à mesa onde se encontrava o aquário; meter o focinho na água, ao mesmo tempo que encolhia os dentes; pegar o peixinho num movimento rápido, sem abocanhar, e metê-lo no balde. Ir lançá-lo no mar foi a tarefa mais fácil do plano.

“Missão cumprida com êxito. Viva a liberdade!” e correu desenfreadamente pela praia até ficar cansado. Regressou a casa, pronto para o que desse e viesse.

Conclusão

A mãe foi a primeira a entrar. Fugiram-lhe as palavras ao ver o cenário de destruição na horta. Mal o pai abriu a porta de casa, o canário saiu em velocidade supersónica, sem dar tempo a comentários. Um Ah!, sonoro e coletivo, anunciou a água derramada na sala e a falta do peixinho vermelho. “Onde está o Patolas que não nos apareceu?”, perguntavam os miúdos; “Foi ele, já percebi. Temos de metê-lo numa escola para cães para ver se vem de lá educado.”, comentou o pai. “Vai é imediatamente para a quinta dos avós...”, sentenciou a mãe. Foi o que o Patolas quis ouvir. “Ao menos na quinta as ovelhas pastam livres no prado e a criação espalha-se por um relvado maior do que esta casa...”, pensou o Patolas que, satisfeito consigo próprio, finalmente, apareceu.

Propomos-te agora três tarefas, por ordem crescente de dificuldade, que te vão ajudar a desenvolver a criatividade e competências no domínio da escrita. Para isso, recordamos-te, mais uma vez, que deverás considerar não só **o que** escrever mas também **como** escrever.

1.ª tarefa

A partir das ações abaixo enumeradas, escreve uma história, obedecendo às regras que já conheces.

- O avô Henrique passou o serão a falar de papagaios de papel e do orgulho que sentia quando ganhava os concursos de lançamento de papagaios.
- Seduzido pelas aventuras contadas pelo avô, Pedro decidiu construir um papagaio de papel.
- Começou por fazer uma pesquisa na *net* e registou todos os passos da sua construção.
- Juntou os materiais necessários.
- Pediu ajuda à Matilde, a irmã mais velha, e ambos construíram um papagaio numa semana.
- Guardaram o papagaio na garagem.
- Henrique esperou ansioso o sábado seguinte, para surpreender o avô com o lançamento do papagaio.
- Quando ambos entraram na garagem, verificaram que o Marujo, o gato da família, tinha feito do papagaio a sua cama e afiado as unhas nas ripas de madeira da armação.

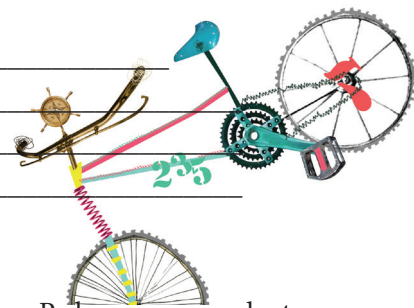




2.ª tarefa

Considerando a introdução e a conclusão que te apresentamos, imagina e escreve o desenvolvimento da história.

A bicicleta era linda. Era o melhor presente de aniversário que alguma vez recebera. Tinha valido a pena esperar o tempo pedido pela avó. “Deixa-me ter o dinheiro disponível”, dizia ela, sempre que o Pedro falava na bicicleta. E o Pedro esperava. Esperava e sonhava. Finalmente poderia impressionar a Xana e a Cuca, as miúdas de nariz mais empinado de entre todas as que moravam no prédio. E naquela tarde ele acabava de as ver na varanda, aos segredinhos, enquanto olhavam para o jardim da praceta.



...

Ao terceiro cavalinho, a bicicleta derrapou, embateu no muro e o Pedro voou para dentro do lago. Entrou em casa encharcado, de bicicleta pela mão e com a roda da frente empenada, ao som das gargalhadas da Xana e da Cuca, que fizeram questão de se fazer ouvir.

3.ª tarefa

Escreve uma história imaginada por ti.

Nota final

Na verdade, é possível começar a contar uma história de várias maneiras. Mas a maior parte delas exige conhecimento e muita experiência de escrita. Por agora, quisemos mostrar-te regras básicas, que te ajudem a escrever de maneira correta, mas também criativa, para que possas, mais tarde, encontrar os teus próprios caminhos de escrita.



Maria da Conceição Vicente

Ilustrações de Catarina Pinto,

Do livro *Do querer ao ter há muita conta a fazer* (2015, Trinta por uma linha)



Um, dois, três... ação!

DICAS DE ESCRITA
APROVEITA E EXPLORA

As Dicas de Escrita do n.º3 de A Casa do João são da autoria de Maria da Conceição Vicente! Pedimos desculpa à autora pelo nosso lapso!

A PALAVRA É TUA!

Pequenos grandes escritores

Nesta rubrica, damos vez e voz aos pequenos grandes escritores.



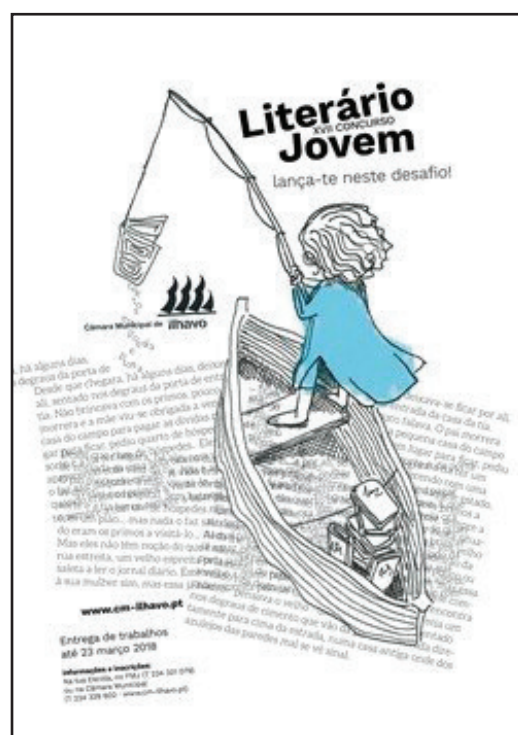
CONCURSO LITERÁRIO JOVEM DO MUNICÍPIO DE ÍLHAVO

Com o objetivo de fomentar hábitos de leitura nas camadas jovens, criar e/ou consolidar hábitos de escrita, promover a escrita e valorizar a expressão literária, a Câmara Municipal de Ílhavo lançou em 2002 a primeira edição do Concurso Literário Jovem, que desde a primeira hora despertou a atenção e o interesse dos mais jovens.

Destina-se aos Jovens do Ensino Básico do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, assim como do Ensino Secundário, podendo participar Alunos de qualquer estabelecimento de ensino, público ou privado do Município de Ílhavo, até ao 12.º ano de escolaridade. O Concurso divide-se em duas modalidades: prosa e poesia.

Nest' *A Casa do João* publicamos o trabalho vencedor da edição deste ano na modalidade de prosa, do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Parabéns ao vencedor!

Em números seguintes publicaremos outros textos deste concurso.





A BIBLIOTECA DO AVÔ



Há muitos, muitos anos atrás havia uma família que vivia num lindo palacete. À sua volta existia um enorme jardim repleto de flores coloridas de cheiros agradáveis e coberto por uma relva muito verde e brilhante. A família tinha várias crianças, todas pequenas. O mais novinho era um menino bastante alegre, curioso e aventureiro. Na casa existiam muitas divisões com portas sempre abertas. Todas, à exceção de uma que estava sempre fechada e ninguém lá podia entrar. Essa situação deixava o menino muito intrigado.

— Mãe, posso entrar naquele quarto para ver o que há lá dentro?

Simão colocava sempre a mesma questão e a sua mãe, com um ar triste, dava sempre a mesma resposta:

— Não, naquele quarto ninguém pode entrar...

Só a mãe e o pai sabiam o que estava para lá daquela porta. Era um segredo!...

Certo dia, estavam a jogar às escondidas. Na altura em que o protagonista arranjava o melhor esconderijo para se esconder, passou em frente daquele quarto que lhe despertava tanta curiosidade. Ao sentir uma vontade irresistível de descobrir o seu interior, não se conteve e entrou. Assim que abriu a porta, os seus olhos alcançaram o que, para ele, era uma verdadeira maravilha. Reparou que aquele espaço que tanto queria descobrir tinha as paredes repletas de livros desde o chão até ao teto. Era uma biblioteca, ou melhor, era um quarto biblioteca, porque também tinha uma cama, uma mesinha de cabeceira e um cadeirão que lhe pareceu muito confortável.

Ficou tão envolvido com o que tinha descoberto que se esqueceu da brincadeira.

Chamou-lhe a atenção uma cortina vermelha que destapou. Viu que, atrás dela, estava um retrato de um velhinho com um ar muito doce.

— Quem seria aquele velhinho tão simpático? — pensou, ainda mais intrigado.

Nesse momento chegaram as outras crianças e a mãe. Esta, ao ver o seu filho lá dentro, mostrou-se bastante nervosa. Simão queria fazer perguntas à mãe, mas não tinha a certeza de aquele ser o melhor momento. Ainda assim, muito confuso, avançou:

— Quem é aquele velhinho no quadro ali na parede? E porque é que todos estes livros têm estado escondidos há tanto tempo?

A mãe concluiu que não podia guardar mais o segredo e começou a explicar:

— Filho, este quarto é muito importante para mim. Pertenceu ao meu pai...

— Então aquele velhinho é meu avô? — interrompeu Simão.

— Sim, morreu eras tu ainda muito pequenino... Adorava livros e passava grande parte do tempo a ler.

Ao ouvir aquelas palavras, o menino sentiu-se triste e injustiçado por não ter conhecido uma pessoa que deveria saber muitas coisas para lhe ensinar. Sim...

Porque alguém que gosta tanto de livros e tem um quarto que é uma autêntica biblioteca, deve também ter muitos conhecimentos. A mãe continuou:

— Sabes, um dia, eu e o meu pai fomos dar um passeio. Ele gostava muito de andar a pé e de se sentar à sombra das árvores para ler. Contudo, nesse dia, senti-se muito cansado e pediu para regressarmos a casa. Ao chegarmos, foi para o seu quarto, a biblioteca que tanto amava onde permaneciam os seus livros. Sentou-se, confortavelmente, com um deles e ali partiu. Muitas outras vezes, partira à descoberta de novos mundos, mas daquela vez foi diferente. Viajou até às estrelas e nunca mais voltou... Simão, muito atento, ouvia, deliciado, a sua mãe e cada vez sentia mais necessidade de fazer perguntas:

— Esse livro era o que continua em cima do cadeirão?

A mãe, com os olhos ternurentos e rasos de lágrimas, anuiu e só conseguiu dizer:

— Sim... “O amor da partida”. — O rapaz, com carinho, abraçou-a, deu-lhe um beijo e segredou ao seu ouvido:

— A partir de hoje, esta será a divisão mais frequentada da casa onde todos seremos muito felizes, tal como o avô.

Duarte Vilarinho (5º ano)



POEMAS

JOSÉ

O José queria ser
piloto, cozinheiro,
professor, barbeiro,
secretário, tesoureiro,
mecânico, sapateiro,
atleta, bombeiro,
agricultor, cavaleiro,
mas, sobretudo,
queria ter dinheiro.

João Rui Marques



João Rui Marques tem 11 anos e frequenta o 6.º ano de escolaridade na Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Fernandes, em Abrantes. Para além de ser bom aluno, é um rapaz que está sempre bem-disposto.



AS DISCIPLINAS

A primeira disciplina
É a História
Que, de todas as disciplinas,
É a que tem melhor memória.
E bem precisa dela!
Tem de se lembrar desde o Neolítico
Até ao atual político!

A segunda disciplina
É a Ciência
Que tem tantos nomes para decorar
Que é preciso paciência!

A terceira disciplina
É o Português,
Que tanto esta bela língua
O povo desfez!

A quarta disciplina
É a Matemática
Que tem muitas contas
E é muito problemática!



A quinta disciplina
É o Inglês
Que não tem assentos nas palavras,
E quem os pôs
Não sabe o que fez!

A sexta disciplina
É a Música
Que tem tanta nota musical,
E se errarmos em alguma,
Ficamos logo mal!

A sétima disciplina
É a Ginástica.
Ui, é uma disciplina fantástica!
Se estiver a ser sarcástica...

A oitava e a nona disciplinas
São EV e ET,
Que têm tantas medições
Que uma pessoa já nem a régua vê!

Beatriz Grácio

Beatriz Grácio tem 11 anos. Nasceu em Lisboa, em setembro de 2006, e frequenta o 6.º ano de escolaridade na Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Fernandes, em Abrantes.

Sempre gostou muito de livros, de ler e de escrever, daí que tenha acabado de ganhar o 1.º Prémio do concurso “Uma Aventura Literária”, da Editorial Caminho, na modalidade de texto original do 2.º Ciclo. Continua a escrever muito e com regularidade, pelo que está a caminho de publicar o seu primeiro livro...





MAIS HISTÓRIAS

UM AMIGO PARA A VIDA

Um dia andava um esquilo a correr pela floresta com um ar muito assustado. Ao passar por um lago que havia ali perto, um peixe balão muito brincalhão que ali vivia, perguntou ao esquilo gordinho.

- Porque estás com esse ar tão assustado, esquilo?

- Porque anda um lobo esfomeado atrás de mim.

O peixe balão decidiu ajudar o esquilo com uma brilhante ideia.

- Vamos pregar uma partida ao lobo. Sobes para cima dessa árvore e vais para a ponta do ramo que fica sobre a água. Depois eu trato do resto.

E o esquilo assim o fez.

Quando o lobo chegou, olhou para a água e pensando que o reflexo era o esquilo atirou-se para o lago.

O peixe balão assim que o lobo entrou na água, inchou e com os seus picos, picou o lobo no nariz.

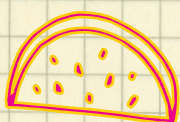
O lobo assustado e cheio de dores fugiu e nunca mais lá voltou.

Agora o esquilo pode andar sem medo do lobo e ganhou um grande amigo.

Vasco Gonçalves (3º A)

Vasco Gonçalves, nascido em 2009, no Barreiro, aluno do 3.º ano da Escola Professor José Joaquim Rita Seixas

Um adjetivo que o caracteriza: Brincalhão



PARA BRINCALHARES

SOPA DE LETRAS

A FAMÍLIA DOS ANIMAIS

R P X O S C A N M L X M
A O G A L I N H A S A F
R R L F N G A D C T A H
A Q I F A A Y M S M C G
N U I E A R G I I A I N
H I F I D R N L N N R Y
A N R G I A I A A M A A
J H Y L I A T G D A L R
U O O P O R H N R C U X
R R L L A R A N A A I G
O H L A G A D F S C L F
C A R D G P S G A O H D

XICA
LARICA
LADY
XANA
LARANA
LORD
SARDANISCA

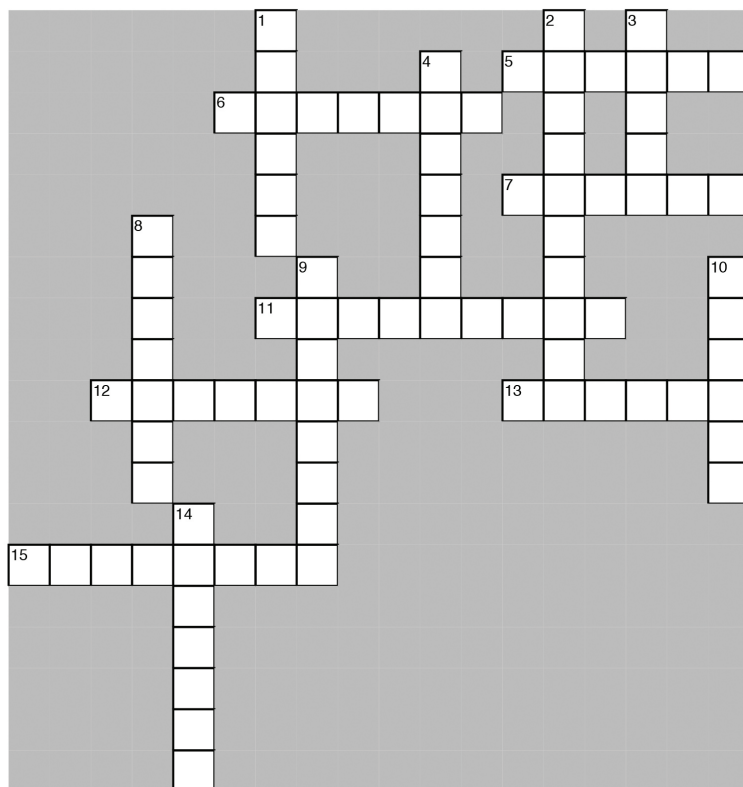
GALINHAS
PORQUINHO
ARANHA
GRILO
CIGARRA
PIANISTA
CANTADEIRA

CORUJA
MACACO
GALHO
GIRAFÁ
GIRAFLO
FAMÍLIA
ANIMAIS



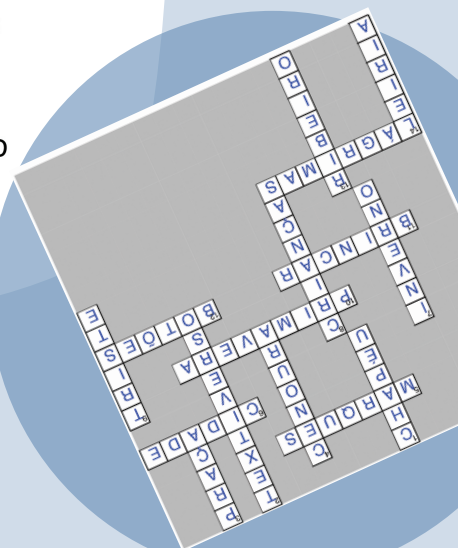


HISTÓRIA QUE HÁ DE SER

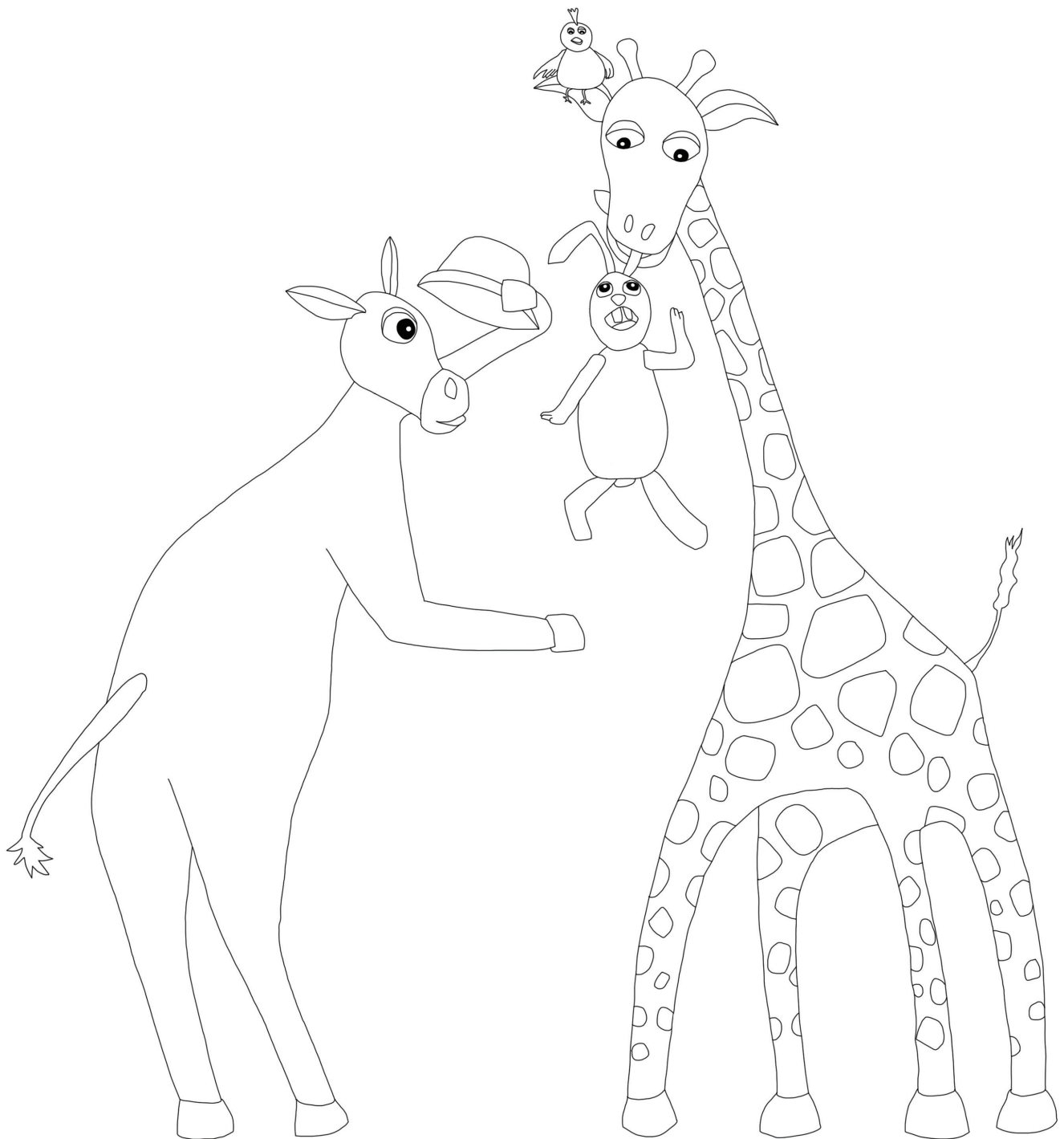


- Horizontal
- 5 Cidade da editora
 - 6 Apelido da autora das ilustrações
 - 7 Lugar "com gente tão apressada, tão apressada..."
 - 11 Estação em que o boneco de neve voltará a derreter
 - 12 Atividade dos rapazinhos na praça
 - 13 À laia de olhos, do boneco de neve
 - 15 Que escorrerão pelas faces brancas e pela cenoura do nariz e, como são quentes, a cara há de derreter

- Vertical
- 1 Algo esburacado que põe na cabeça do boneco de neve
 - 2 Editora do livro
 - 3 Lugar da cidade cheio de gente apressada
 - 4 No lugar de nariz, do boneco de neve
 - 8 Estação em que "os passeios estão cobertos de gelo"
 - 9 destinatários do livro, leitores de coração generoso
 - 10 Sentimento do boneco de neve quando os rapazes se preparam para ir embora
 - 14 Apelido da autora do texto



PINTA-ME



DESCOBRIR AS DIFERENÇAS

PARA BRINCAR

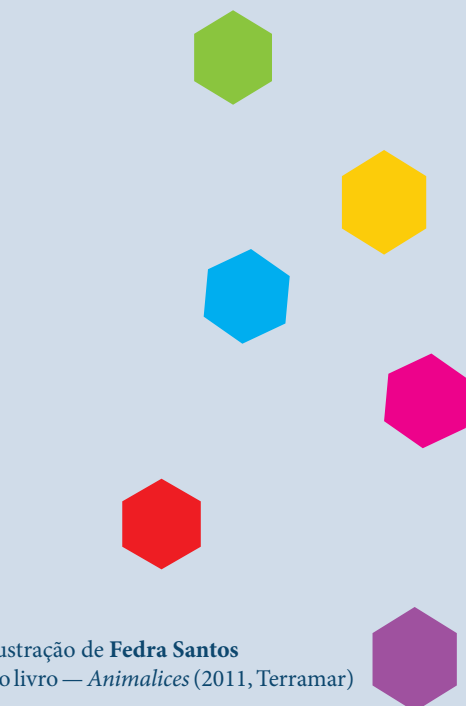
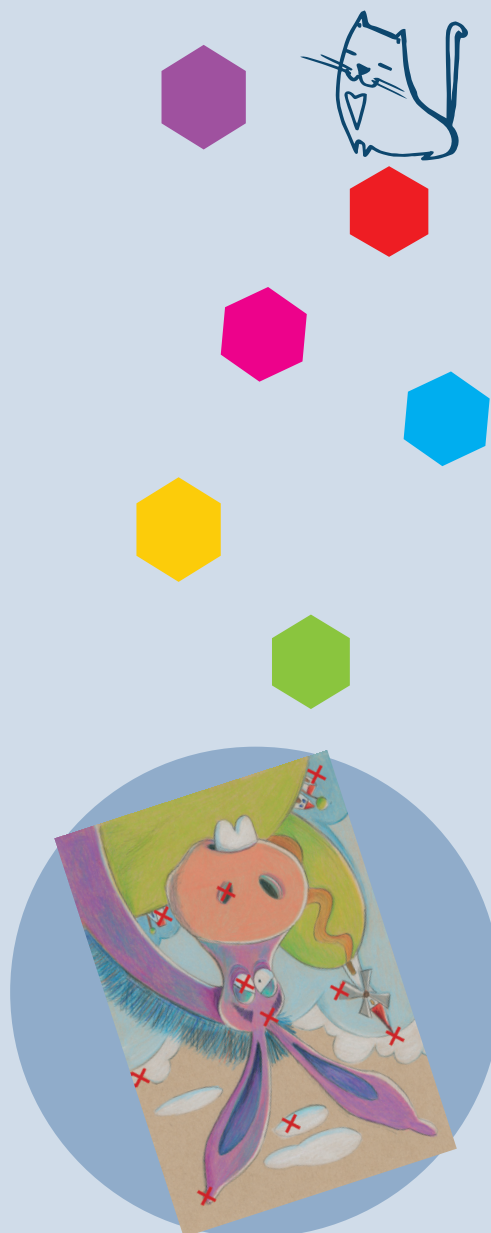
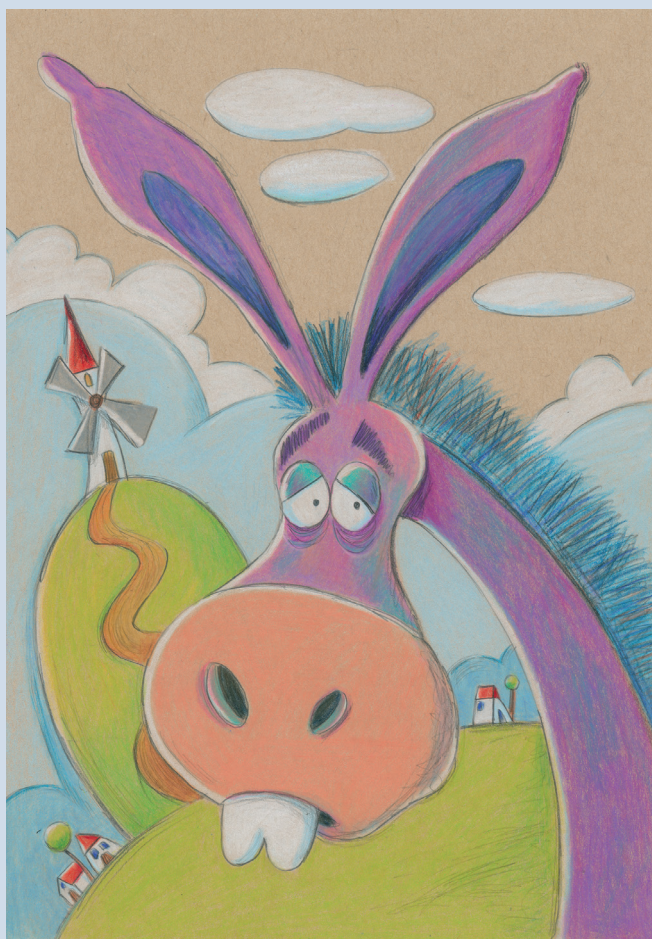
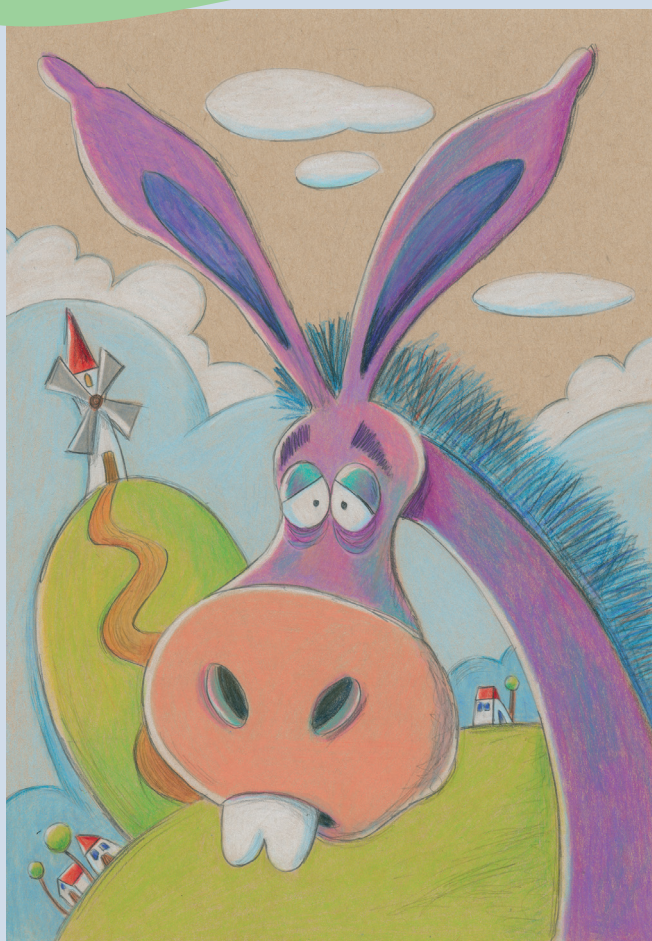
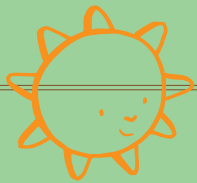


Ilustração de Fedra Santos
Do livro — *Animalices* (2011, Terramar)





EXTRA!

EXTRA!

SAIU NA IMPRENSA

BLOGGERS E A CASA DO JOÃO

@martabsousa
@lenia_notsofast
@amaejavai
@redecompeixe
@mu_blog
@tomas_my_special_baby
@teresanoeme_photography
@no_colo_da_mae

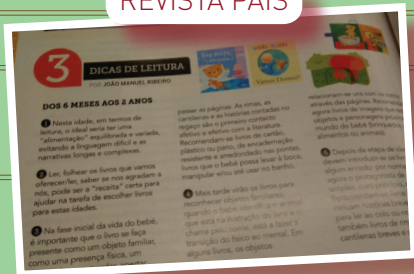
DN



SIC NOTÍCIAS



REVISTA PAIS



ACENTO TÓNICO



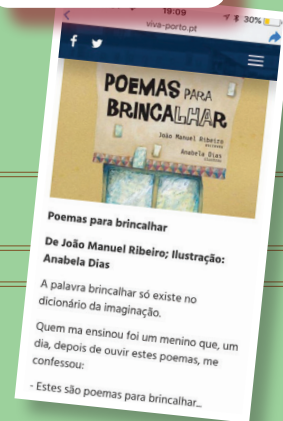
TSF



EM ROMA



VIVA PORTO



AS ARTES ENTRE AS LETRAS





A (NOVA CASA) DA CASA DO JOÃO

Além de estar disponível em www.joaomanuelribeiro.pt/revista *A Casa do João* tem agora uma nova Casa. Está disponível em www.acasadojoao.eu.

Quem quiser acompanhar a par e passo a vida da Casa tem agora mais uma oportunidade para o fazer.

“MIO NONNO REI DE POCCA COSA”

Na primeira semana de maio, fez sucesso em Itália, com apresentações em Roma e em Viterbo, lugares míticos e maravilhosos que ofereceram um ótimo cenário ao livro e ao seu protagonista.

Parabéns Tuga Edizioni pelo empenho e dedicação!

REVISTA PAIS

A parceria com a revista *Pais* já fez chegar aos leitores a entrevista do ilustrador João Vaz de Carvalho e de Sebastião Peixoto. Na terceira revista que agora chega às bancas, é a vez de Paulo Galindro, licenciado em arquitetura e pai de dois filhos, ilustrou já uma pilha de livros.

BLOGGERS DIVULGAM “A CASA DO JOÃO”

Vários bloggers que influenciam o mundo digital e com milhares de seguidores têm sido verdadeiros embaixadores d’ *A Casa do João*! Os elogios e agradecimentos são muito bem-vindos e a todos o nosso sincero obrigado!

@martabsousa; @lenia_notsofast;
@amaejavai; @redecompeixe;
@mu_blog; @tomas_my_special_baby;
@teresanoeme_photography;
@no_colo_da_mae
@euagoreamae_inesmaia
@nheko_
@amafarrica
@franciscaguimaraes

JOÃO MANUEL RIBEIRO ESTREIA-SE NA “ACENTO TÓNICO”

A editora “Acento Tónico” cuja equipa herdou a experiência e o know how da Gailivro está “à procura de novos autores, novas ideias e direções da literatura infantil e de apoio escolar” e, nesse sentido, a estreia recai sobre João Manuel Ribeiro. *Alfabeto de Adivinhas* e *Cantilenas Loucas, Orelhas Roucas* são as duas novas obras. Recorde-se que a Gailivro foi responsável por vários autores de sucesso. A coordenar a equipa destaque para o editor e também escritor Carlos Letra.

“OS DIREITOS DAS CRIANÇAS – ANTOLOGIA POÉTICA”

Conta com a participação de 18 poetas, como os portugueses António Ferra, Carmen Zita Ferreira, João Manuel Ribeiro, João Pedro Mésseder, João Rasteiro, José António Franco, José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, Maria da Conceição Vicente, Pedro Teixeira Neves, Raquel Patriarca, Rui Zink, Sílvia Mota Lopes, a brasileira Emiliana Carvalho e os galegos António Garcia Teijeiro, Alfredo Ferreiro, Ramiro Torres e Suso Díaz. A ilustração da capa é da autoria do prestigiado João Vaz de Carvalho. A Antologia Poética foi lançada a 19 de abril dia na edição lisboeta das jornadas literárias – 10 de letra – que aconteceram no Auditório da Sociedade Portuguesa de Autores.

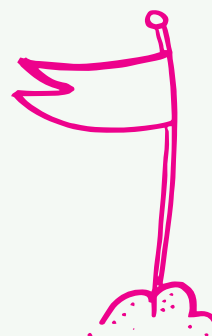
TERTÚLIAS NA VELHOTES

Chegou ao fim o primeiro ciclo de Tertúlias na Velhotes e fechou com chave de ouro. A livraria Velhotes promoveu a 19 de maio a 7.^a tertúlia do “10 de Letra” com João Manuel Ribeiro à conversa com todos os presentes, incluindo o ilustrador Rui Castro, a propósito dos 10 anos que se assinalam sobre a publicação do seu 1.º livro infanto-juvenil do poeta e escritor.

No decorrer da Tertúlia foram ainda apresentados os dois mais recentes livros: “Alfabeto de Adivinhas” e “Cantilenas Loucas, Orelhas Roucas”. “Foram meses muito ricos em trabalho e em experiências, com presenças muito especiais e com momentos de partilha inesquecíveis”, sublinha João Manuel Ribeiro.

WWW.DATNEWS.PT

é a mais recente plataforma de *lifestyle* e cultura e já está online! Chega aos leitores como um guia completo de sugestões na área da cultura, da gastronomia, da música, do cinema e da TV. Mas a DATnews quer também fornecer conselhos na área da saúde, da parentalidade e da leitura e educação, com rubricas assinadas por especialistas. Siga o DAT nas redes sociais, em <https://www.facebook.com/datnnews> e <https://www.instagram.com/datnews2018/?hl=pt>





United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CCA

Centro UNESCO de Amarante
Amarante UNESCO Center

ISSN 2184-1233



9 772184 123004 >